

desejos, & obras. A flor do limoeiro admiravelmente fortifica o coração. Nenhũa cousa anima, nem conforta mais o coração da gente, que a boa vontade que outrem lhe mostra. Todo genero de limão comido, he remedio contra a peçonha, & mordeduras de bichos peçonhentos. Hũa boa vontade he unico remedio de muitos males, & preserva de tudo o que póde empécer: porque aonde ha boa vontade, ha procuraremse bens, & nenhuns males; ou tambem porque hũa vontade muitas vezes prevalece contra a peçonha de quem lhe quer empécer, convertendo essa peçonha em bem, & vencendo com seu bom animo a perversidade de quem procura seu mal. Se por algũa destas razões o limão não significa vontade, apontem curiosos as suas, porque de nosso intento não he tratar de plantas, que nem são referidas na divina Escrittura, nem de Authores, que lhes dem significações proprias. E assim não fica aqui lugar de se dizer mais, senão que a vontade he para com a alma do homem, o que o coração para com o corpo humano. A vontade he a que dà ser a todas as acções do homem, & por ella se merece, ou desmerece; por ella se contém, ou descontenta a outrem; por ella se agradecem, ou desagradecem as cousas. Quem me a mim faz merces, (diz Seneca) deve não sómente fazerme bem, mas ter vontade de me fazer bem, que por isso não agradecemos às arvores darem-nos tantos fruttos, nem às fontes suas agoas, nem aos rios suas correntes, nem ao Sol que nos faça dia, nem à Lua, que saye de noite, porque quem nos houver de fazer bem, ha de ter vontade de o fazer, para nós a termos de lho agradecer.

*Seneca.*

*Consideração segunda.*

**H**E a vontade thesouro de impossibilitados, porq̃ aquilo que muitos não podem mostrar com o effeito, significão com a vontade, & com esta merecem o que com obras

não alcanção. He a vontade thesouro de pobres, porque o Reyno do Ceo, que muitos comprão com tantos trabalhos, & penitencias de toda a vida, outros com deixar quanto possuem, outros com dar grandes esmolas, esse ganhão pobres com a boa vontade: porque dado caso que alguem se veja impossibilitado para fazer grande penitência, & outras obras meritorias, & se for tão pobre, que não possa dar hum ceutil de esmola por amor de Deos, bastarlhe-ha a boa vontade de fazer, se pudera, essas, & outras cousas. E assim como Deos dà premio a esta boa vontade, como se fora obra, assim tambem dà pena, & tormento a essa vontade quando não he boa, como se por effeito se executara, porque na deliberação da vontade está a bondade, ou malicia da cousa; & ella he a que abre, ou fecha as portas, para Deos entrar no aposento de nossas almas, & quando he vontade propria, impede estar Deos presente à mesma alma, & he causa de muito mal, & inquietação do homem, indo sempre de mal em peyor. Louvou Deos a todas as cousas que tinha criado, dizendo que erão boas, só ao homem não louvou. E foi porque todas as mais cousas havião de perseverar no estado em que Deos as criou, o Ceo, a terra, as plantas, as aves, & os peixes; mas o homem que havia de pender de sua vontade, & mudar-se a momentos cõ ella, querendo agora hũa cousa, & logo outra, não convinha que Deos o louvasse, senão quando o merecesse sua firmeza, & eleição de firme vontade. Esta sempre está arriscada em fugeitos de gente que vive de seu gosto, & querer, como redoma de vidro finissimo nas mãos de hum menino de pouca idade. A vontade propria só na Religião achou quem a venceisse, & refreasse; & só ahi se sabe vencer, & refrear. Fingem os Poetas a Ulysses mandando-se atar ao pé do mastro, passando pelas ilhas das Sereas, porque ouvindo a suavidade de sua musica, não se lançasse ao mar, como fazião os mais navegantes, levados de sua melodia. Os votos das Religiões são ataduras que prendem os homens, tirando-

lhes

*Gen. I.*

*Ovid.  
Homer.*

lhes a liberdade, & deixando os cattivos. Os que temem que a propria vontade lhes faça mal em a navegação deste mundo, ou que gostos, & deleites delles os levem traz si, & sejam causa de sua perdição, venhão-se à Religião, & atem-se com os vinculos, & apertos que ella tem, & verão como passão seguros este perigoso mar de Sereas encantadoras. Porque são infinitos os que por estarem presos na clausura dos Mosteyros, se salvão, que se estiverão no mundo em sua liberdade, corrião manifesto perigo: porque a liberdade a muitos não serve mais que de mayor pena, & tormento para os infernos, aonde os leva a vontade propria. Os filhos de Israel cattivos suspiravão por liberdade, & Jeremias lhes dizia, que essa liberdade havia de ser causa de mayores offensas de Deos. Triste do homem a quem sua liberdade ha de servir de sua destruição, & condenação! *Ephraim quasi avis avolavit*, diz Oseas. Ver hum passaro o mimo que tem na gayola, sem lhe faltar nada, & em tendo occasião de fugir, foge, só por ter liberdade, ainda que morra de fome, & vã cair em algum laço. Este he o voluntario que assombra com se ver em clausura, & tudo deixa por viver à sua vontade, succedalhe o que succeder. Quantos morrem no mundo mal, & desastradamente, que se estiverão na Religião, estiverão seguros, & contentes? quantos engeitando a occasião do sossego monastico, que algum tempo se lhes offereceo, vem depois a morrer às punhaladas? *A seculo cõfregisti jugum, rupisti vincula, & dixisti: Non serviam*, diz Jeremias. Ah peccador morto por deixar o jugo da obediencia, por não viver sogeito a ninguem, & viver à vontade; sendo assim, que te fora muito melhor viver sem liberdade, que cõ ella merecer inferno para sempre! Importunado Isaac de Esau seu filho mais velho, que lhe lançasse a benção, lançouha elle, & entre outras cousas lhe disse, que havia de servir a seu irmão Jacob: *Fratris tuo servies*. Repara Philo nisto, & diz, que mais parece isto maldição, que bẽção de pay, pois

Jer. 34.

Osea 9.

Jer. 2.

Gen. 27.

Philo.

sendo Esau livre, o deixava escravo de Jacob. E responde, que não foi senão benção muito para estimar, & agradecer, porq̃ homens de que se presume, que haõ de usar mal da liberdade, he grande bem deixallos sem ella; & como Esau por hũ appetite de comer lentilhas, vendèra o morgado, diz o pay:

*Gen. 25. Fratrituo servies.* Porq̃ homem voluntario, & tanto de seu appetite, ha mister ter mão d'elle, & deixallo fugeito a outro.

Pessegueiro.

Guerra.

*Consideração primeira.*

*Pierius.* **O** Pessegueiro significa guerra; significação que se derivou dos Persas aos Romanos, & destes a toda a Europa, porque entre os Persas he o Pessegueiro geroglyfico da guerra, como diz Pierio Valeriano. E esta he a razão, porque os Reys da Persia costumão dar a mil soldados benemeritos mil peitos de armas, ricamente lavradas, com huns pessegos por divisa, que entre elles he sinal de honra, & nobresa adquirida por armas, & feitos generófos; como em Hespanha trazem os habitos de Christo, Santiago, & Aviz, aquelles que por seus illustres feitos, ou de seus antepassados os merecêrão em premio de seu trabalho. Outros dizem, que o Pessegueiro significa guerra, porque foi mandado da Persia a estas partes com intento de nos fazer mal, por ser o seu fructo peçonhento naquella regiaõ; o que succedeo ao contrario, porque transplantado o Pessegueiro na Europa, ficou sendo proveitoso, & medicinal, como diz Dioscorides, que o Pessego he comer que o estamago agasalha bem, & por ser à maneira de coração, dizem alguns que he agradavel a elle, & que por isso lhe deu a natureza semelhante forma: donde dizia Plutarco, que era esta arvore dedicada a Isis principal deos do Egypto, a quem se devia consagrar a principal

*Diosc.*

*Plutar.*

principal

principal arvore, pois dava pomos semelhantes na figura ao coração humano, & nas folhas à lingua do homem; & assim pessigos passados com settas, significão corações feridos com as do amor.

Pierio Valeriano diz, que o pessigo significa morte, feridas, golpes, & tudo o mais que diz guerra, & differença; porque em a noz, ou caroço que dentro se esconde, se estão vendo muitos golpes, & feridas, como feitos ao cutello, ou à ponta de faca, & elle todo está aberto, & retalhado de forte, que parece hum corpo ferido, & lastimado, & daqui lhe nasceo o proprio, & mais commum significado que tem de guerra. O que outros querem levar à interior guerra do espirito, & côtradicções que o coração padece; porque assim como o pessigo tendo de fóra tão fermosa, & agradavel apparencia, por dentro tem o caroço tão duro, & esse cheyo de feridas, & golpes, assim acontece a muitos, que mostrando alegre semblante, & boa presença, com tudo interiormente tem o coração ferido, & lastimado com molestias, & afflicções, que padecem.

*Consideração segunda.*

**A** Guerra, diz Santo Augustinho, que sempre nasce do amor de cousas do mundo, ou seja desejo de mandar, ou de adquirir bens da vida. E quando esta guerra se faz por desejo de Imperio, chama-se furto violento; quando por grangear bens, chama-se avareza, como diz Chrysoftomo: *Bellorum causa est avaritia.* A primeira guerra que houve no mundo, ordenou a Nino Rey dos Assyrios, com tenção de sujeitar povos visinhos, & dilatar mais o Reyno. E he tão to o cuidado com que o demonio ordena que haja guerra entre os homens, que para os persuadir a isto, conta Santo Augustinho, que em hũa planicie de Campania os demonios fingirão visivelmente entre si guerras terribes com esquadrões

*August.*

*Chrysf.*

*August.*

ordenados em bandos contrarios, que fazião grande grita, & estrondo, ferindo, & matando se huns aos outros, para que vendo os homens, que os demonios (a que chamavão deoses) tinham guerras entre si, não duvidassem telas huns contra os outros: *Dæmones quos illi deos appellant, inter se pugnantes hominibus apparere voluerunt.* Para que elles não receassem commetter guerras, & a exemplo dos deoses matasem, & ferissem huns aos outros. Os leões, tigres, & dragões, já mais tiverão guerras tão crueis como os homens as tem entre sy. Estas tem commummente com intento de paz, & por ella se arriscão à morte; com esta pretensão de paz quebrão a paz, para que segundo suas vontades alcancem paz com instrumentos de guerra. Nunca esta deixa de ser sem peccado, porque quando se faz justa guerra de hũa parte, sempre da outra se peleja com injustiça, & ainda que desta fique a vittoria: *Omnis victoria malorum est divino judicio.* Toda a victoria que malignos alcanção he por juizo divino. A guerra que se faz pela defensão da patria he justa; & Cicero diz, que a boa cidade não faz guerra: *Nisi aut pro fide, aut pro salute civitatis,* ou pela fé, ou conservação da patria. Os acontecimentos da guerra são incertos, & seus fins pendem da vontade divina, & muitas vezes são os encontros prosperos, cu adversos, conforme a diversidade dos peccados com que Deos he offendido, porque a Divina Providencia costuma dar as guerras pela medida dos peccados, & com estas emenda perversos costumes, & excessos de algũas nações.

August.

Cicero.

### Consideração terceira.

**O** Utra guerra padecem os homens consigo, que os não deixa ter perfeita paz, & por isso impossivel he achar-se no mundo bemaventurança, nem estado de segura quietação. Esta he a que tem o espirito contra a carne, na qual não vence, senão quem he ajudado de Deos nosso Senhor, ao qual

qual se deve attribuir a vittoria. E nunca no mundo haveria tal guerra, se como diz Augustinho: *Natura humana in sua stetit rectitudine*, se a natureza humana perseverasse na inteireza, & rectidão que primeiro teve. Aquella que quando era ditosa não quiz ter paz consigo, consigo peleja agora, sendo nisso desgraçada. S. Chrysostomo diz, que esta vida se passa em guerra continua, & que ao Christão he ella necessaria, para que vencidos os inimigos, seja coroado para sempre. Dizendo o Apostolo: *Non coronabitur, nisi qui legitime certaverit*. Não póde receber coroa de gloria, senão que legitimamente pelejar. Por isso disse Christo nosso bem: *Adiebus Ioannis Baptistæ Regnum Cælorum vim patitur, & fortes rapiunt illud*. S. Jeronymo diz, que esta vida por ser campo de peleja, obriga a se pelejar nella, para que na outra sejamos coroados. Entretanto ha de haver vigiar com as armas nas mãos: *Nemo inter serpentes, & scorpiones securus ingreditur*. Ninguem se dê por seguro entre serpentes, & escorpiões. Se Deos disse, q̄ no Ceo tinha a espada chea de sangue: *Inebriatus est gladius meus in Cælo*; como imaginamos q̄ havemos de possuir paz na terra, q̄ de si não dà senão espinhos, & abrolhos? He verdade, q̄ esta guerra he cõ inimigos poderófos, pois he *Adversus principes, & potestates hujus mundi*. Mas estes ficão vencidos, tanto q̄ em nós mesmos vencermos os peccados: *Conculcabitur diaboli potentiã si peccata conculcaverimus*. Pisaremos aos pés o poder do demónio, se debaixo delle puermos os peccados, convem a saber, os appetites, as vaidades, os faustos, as pōpas, a soberba, & paixões do espirito. As armas com q̄ se peleja nesta guerra espiritual, são armas da luz, & principalmente o escudo da Fé, com a qual vencem, não sómente os esforçados varões, mas as moheres mais fracas, porque não pelejão cõ as forças do corpo, mas com a virtude, & fortaleza da Fé, não com lanças, & espadas de ferro, mas cõ vivas orações do espirito. E como diz Origenes: *Fides est qua in certamine tolerantiam prabet*.

August.

Chrysf.

2.Tim.2.

Mat.11.

Hieron.

Isai.24.

Ephes.6.

Origen.

Ephes. 6.

A Fé he a que na batalha dà sofrimento, & animo. Por isso quando o Apostolo S. Paulo nos aponta as armas de que nos havemos de valer para entrar nesta guerra, depois de a finalizar algũas, diz: *Super omnia autem scutum fidei assumite, in quo possitis jacula maligni extinguere.* Sobre tudo tomai o escudo da Fé, com o qual podeis quebrar a força das lanças, que o inimigo vos arrojar. Nesta guerra he de saber, que vence quem mais foge, & pelo menos vence o Chrião, que não fica abatido. Nos lutadores não basta ficarem ambos em pé sem nenhum cair, algum delles ha de ir ao chão, & o outro ficar em pé: *Hic viceris, si dejectus non fueris*, diz Chrysostomo, aqui ficais vencendo quando vos não lanção por terra.

Chryf.

Castanheiro.

Restauroação.

Consideração.

**D**O Castanheiro se não faz menção em toda a sagrada Escrittura, mas he arvore de que Santo Ambrosio diz muitos louvores, chamandolhe planta dos bosques, & arvoredos, que cortada torna a reverdecer, & a viver de novo, & de hũa vergonta que fica, em breve tempo se levantão matas de castanheiros, pelo que tem significado de restauração; porque se as outras arvores hũa vez cortadas logo seccão, esta sendo cortada, se renova, & restaura sua substancia, & verdura em a successão dos herdeiros; o que lhe nasce (como diz este Santo) da fertil, & fecunda natureza que tem. E então dizemos que ha restauração, quando morta, & totalmente destruida algũa cousa, della se levanta, & renova outra, que a fica representando, & conservando em a geração, o que no castanheiro he mais proprio, q̃ nas outras arvores, por ser esta facil de produzir de si mesma outras plantas.

Teixo.



Teixo.

Dano.

*Consideração.*

O Teixo por sua malignidade não tem boa significação, & assim parece que por isso não teve lugar em toda a sagrada Escriitura, aonde se não fala desta arvore, sendo ella cheirosa de si, fermosa, & agradavel à vista, convidando com sua verdura a que se cheguem à sua sombra. Della diz Plinio, *Plinius.* que tem virtude maligna, & que as suas bagas são peçonhentas, especialmente em Hespanha. Sestio diz, que na Arcadia he o Teixo tão venenoso, que mata em breve tempo os que se chegão à sua sombra, ou comem das suas bagas, das quaes se faz hũa peçonha, que chamão em Latim Toxicum, & de antes chamavão Taxicum, desta arvore Taxus. Por isso significa dano, pois o causa em tanta maneira com a malignidade de sua sombra, dos seus fruttos, & do seu peçonhento sumo, com o qual em algũas partes costumão tingir as settas, q se chamaõ hervadas. Tambem o sumo da sua madeira mata a alguns animaes domesticos, como diz Plinio. Virgilio chama a esta arvore nociva, & por isso diz, que não ponhaõ colmeas aonde ella estiver. *Plinius.*  
*Virgil.*

*Picea tantum, Taxique nocentes.*

O mesmo diz Palladio Rutillio, que afastem estas arvores donde se criarem abelhas, & poemlhes nome de plantas inimigas. *Pallad.*

*Sed Taxi removeantur inimica.*

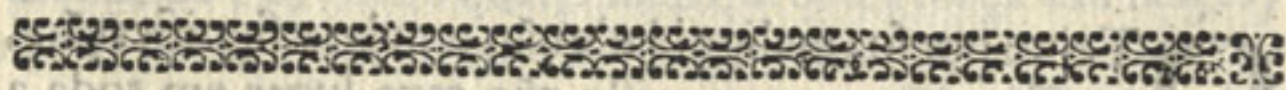
Ovidio lhe chama arvore funesta, & finge que està cheyo dellas o caminho que vai ao inferno. *Ovid.*

*Est via declivis funesta nubila Taxo.*

Claudio chama aos Teixos pestiferos: Mantuano *mortiferos.* Pamphilo dizia, q nunca tal arvore lhe entrasse das portas para dentro, pois tão nociva era. *Claud.*  
*Pamph.*  
O

*Statius.**Onunquam venias lethalis limina Taxus.*

Estacio diz, que he arvore que se ha de temer pelo seu peço-  
nhento sumo: *Metuendaque succo Taxus.* Por todas estas  
rações ninguem porà duvida ao significado que o Teixo tem,  
segundo seus efeitos.



Loureiro.

Triunfo.

*Consideração primeira.*

**H**E cousa digna de consideração, que fazendo a sagrada  
Escrittura menção de muitas arvores, nenhũa faça do  
Loureiro, nem a nomee em algum lugar, nomeando outras  
que ficão muito inferiores ao Loureiro, que foi planta tão es-  
timada entre os Romanos, como o Cedro, & Palma entre os  
Hebreos. E já esta póde ser a razão, que não quisesse o Espiri-  
to Santo na sua celestial Escrittura se falasse em arvore, que os  
Gentios tinham em tanta estima, & de que se tratava em tan-  
tas fabulas, & ficções poeticas, sendo dedicada a Apollo, ou  
porque Daphne fora convertida em Loureiro, ou porque de-  
pois que elle matàra a serpente Delfica, se costumou coroar  
de Louro, como dizião que se coroàra Bacco depois que tri-  
unfou dos Indos, & tãbem Esculapio deos da Medicina, não  
por respeito de triunfo, mas porque he o Louro muito medi-  
cinal, & remedio de muitas enfermidades. Tambem se conta,  
que Tiberio Cesar trazia sempre na cabeça coroa de Louro,  
porque lhe não désse nella algum corisco, tendo-se por certo  
não se saber, q̄ cahisse corisco em parte aonde estivesse Louro.

O significado desta arvore he Triunfo, (como diz o glo-  
rioso Santo Ambrosio) o qual antigamente se seguia apoz a  
vittoria, havendo muita differença de vittoria a triunfo; por-  
que este era hũa solennidade de soberba, & apparatusa pom-  
pa, com que os vencedores entravão em Roma com varios  
des-

*Ambr.*

despojos da guerra, coroados de Louro em carros triunfantes, & chegando ao Capitolio, deixavão nas mãos de Jupiter Capitolino as coroas que levavão de Louro, dando a entender, que a elle attribuhiaõ as vittorias alcançadas, & não a forças, & proesas humanas. E muitas vezes succedia que algũs triunfadores não levavaõ coroa de Louro, mas de Murta, que era menos solennidade, & chamava-se isto Ovatio, & não Triunfo, significando-se na differença da coroa, que aquella vittoria se não alcançara com effusão de sangue dos inimigos, nem com apparatus bellico, como quando os inimigos se entregavaõ aos Romanos, ou desamparavaõ as cidades, & fortalezas.

Estas coroas, ou laureas, que os Emperadores levavaõ, faziaõse de particulares Loureiros, que estavaõ em hum bosque junto a Roma, chamado a Sylva Vejetana, lugar de muita veneração, & respeito para com elles, que depois veyo a ser quinta dos mesmos Emperadores, & cada hum delles punha naquelle lugar mais hum Loureiro. E tinhaõ advertido, que quando havia de morrer algum Emperador, seccava antes de sua morte hum destes Loureiros. E diz Pierio, que se-  
*Pierio.*  
 necendo em Nero a geração dos Cesares, seccou toda aquella mata Vejetana. E o mesmo conta, que nascendo Alexandre Sévêro, que foi Emperador, nasceo em o seu paço hum Loureiro, & depois partindo elle para a guerra contra os Germanos, cahio de subito o tal Loureiro, & se arrancou por si, prognosticando a morte, que depressa se seguiu ao Emperador.



BOURREIRO. TRONCO. deijos da guerra, corações de Louro em caros tim-  
 SEGUNDA PARTE  
 DAS  
 PLANTAS,  
 &  
 FLORES,  
 REFERIDAS NA SAGRADA

*Es crittura, com seus significados.*

Rosa.

Graça,

*Consideração primeira.*



*Sophus.*

*Ambr.*

OR ser a graça a melhor, & mais preciosa  
 prenda, que a alma possui, he significada na  
 mais excellente flor, que a terra cria. Assim  
 dizia a famosa Sappho em seus versos lyri-  
 cos, que se Deos houvesse de dar rey às flo-  
 res, só a Rosa o seria entre ellas, por ser a  
 belleza das plantas, a graça das boninas, o mi-  
 mo dos prados, fermosura do campo, & ornato da terra, que  
 está vaporando amores, & attrahindo corações. S. Ambrosio,  
 tratando

tratando das principaes flores, & plantas, que Deos pufera no Paraíso Terreal, começa pela Rosa, & pelo Lirio, dando o primeiro lugar a qualquer dellas, côm muitos louvores. Esta he a razão, porque seguindo a ordem deste glorioso Doutor, avantejamos a Rosa a todas as mais flores, de que agora havemos de tratar, pois por sentença de todos he a principal dellas, sendo o mesmo Santo de opiniaõ, que a Rosa no terrestre Paraíso fora criada sem espinhos. O mesmo quer S. Basilio, dizendo, que ficando a terra amaldiçoada pelo peccado de Adão, começou a dar espinhos, & abrolhos, que não tinha, & a Rosa começou a se rodear delles, em sinal que gostos da vida, peccando o primeiro homem, se cercaraõ de tormentos, como a Rosa de espinhos. E porque as mais plantas, & flores forão antiguamente dedicadas a particulares deoses, a Rosa o era à deoa Venus, em razão, que a mais generosa flor se devia consagrar à mais fermosa Deosa. Diziaõ tambem, que a Rosa no principio fora branca, mas que andando Venus entre huns rosas buscando a Adonis, se ferira em hum pé, & tocando com seu sangue nas Rosas, as tingira, & lhes dera a cor do proprio sangue, ficando em parte vermelha, & em parte branca. Outros attribuhiaõ a cor purpurea da Rosa à mesma Estrella de Venus, que por ser rubicunda, & inflamada, influhia mais nesta flor sua virtude, & effeitos particulares.

*Basilius.**Plinius.**Ovid.*

A Rosa considerada sem espinhos, significa Graça, como consta de divinas, & humanas letras. A eterna Sabedoria que no Ecclesiastico se compára na excellencia ao Cedro, na immortalidade ao Cipreste, na suavidade à Videira, tambem na graça se faz semelhante à Rosa, apontando apoz isso, que os seus ramos são de virtude, & graça, dando a entender, que ou se compare ao Cedro, ou Cipreste, à Videira, ou à Rosa, quanto della mana, & procede, tudo he virtude, & graça; tudo pureza, & fermosura. Tambem o Espirito Santo nos aconselha, que sejamos como a Rosa, plantada junto às correntes

*Eccl.24.**Eccl.39.*

das

das agoas, avisando logo que floreamos para a graça, como se differa, q̄ se desejamos ser planta do celestial Jardim, sejamos como a Rosa junto às agoas, aonde cresce com mais vigor, & aonde parece mais bella, & graciosa. Lancemos flores de graça, para sempre adquirirmos mais graça, & tudo em nós ser augmento de divina graça.

Dizia Deos por Esdras, que tinha aparelhado ao seu povo sette montes grandissimos, que só tinham Rosas, & Lirios: *Septem montes habentes rosam, & lilium.* Estes sette montes fertilissimos deu elle à sua Igreja em os sette Sacramentos que nella poz, os quaes montes tem Rosas, & Lirios, porque dão graça, & tem pureza, esta significada nos Lirios, & aquella nas Rosas. He esta Graça dom de Deos, effeito do Espirito Santo; chama-se Graça, porque se dà de graça, & dà-se por Jesu Christo, que he principio de toda a graça; & para se nos dar não precedem merecimentos nossos. He a Graça luz de nossas almas, que lançando fóra as trevas da ignorancia, deixa conhecer a qualidade das cousas. He a primeira estolla, que se dà ao filho redusido à casa do soberano Pay, & a que torna o homem ao primeiro estado que tinha perdido. He a que repára nossas ruinas, & interiormente remedeia nossas faltas. He a que apaga nossos delittos, sem a qual todos somos injustos, & por ella justificados. He a graça chuva, & orvalho do Ceo, que recrea nossas almas, & lhe dà alento, & vida; he hum muro inexpugnavel contra o poder do inferno.

*Consideração segunda.*

**O**S Antigos derão tambem à Rosa o significado da Graça, ou fosse a que naturalmente muitos tem, ou aquella que alguns desejão achar diante daquelles, aos quaes pretendem agradar. Do que fala com graça, anda em proverbio dizerse que lança Rosas pela bocca. Em algũas partes do Oriente costumão lavar o rosto com hũ licor de Rosas aquelles que

que vão pedir merces ao Rey, ou a pessoas grandes; tendo para si, que lavando-se com este oleo rosado, levão no rosto a graça com que procurão agradar, & achar graça entre os Principes. Do Emperador Elio Vero se conta, que desejando affeição a si os corações dos Persas, ( que sojeitara por armas) em quanto esteve na Persia, mandava alastrar de rosas todo o seu paço, as salas, as cameras, & o mesmo leito aonde dormia, parecendolhe que como a Rosa significa graça, ( q̄ ella com sua belleza está vaporando ) esta podia elle grangear entre aquella feroz gente, não sómente com sua brandura, & affabilidade de bom Principe, mas tambem com estas flores de q̄ adornava seus aposentos, mostrâdo aos Persas toda a boa graça que estava em sua mão, & desejando alcançar a do povo, q̄ queria conservar na obediencia do Imperio Romano.

*Consideração terceira.*

**O** Nome de Rosa por significar Graça, convem propriamente à Rainha dos Anjos, & Senhora nossa, que toda foi cheia de graça, & por isso Rosa, que se entre as flores tem o primeiro lugar, esta Senhora o tem eminentissimo entre todas as mulheres, flor de todas as flores, & flor de todas as Virgens. Nasce a Rosa entre espinhos, & a Virgem de pays peccadores, pura, immaculada, & sem peccado algum. A Rosa tem cor com que attrahe, cheiro com que recrea, & virtude com que amésinha, & dà remedio. A Virgem ( como diz S. Ambrosio ) com a fermosura de seu rosto causava desejos do Ceo a quantos para ella olhão; com sua belleza trouxe a si os divinos olhos da Magestade Suprema, & com o cheiro de suas virtudes leva correndo a poz si as almas puras, & corações limpos, & castos.

Rosa de Jericò chama a Igreja a esta Senhora, não sem mysterio. O que por hora se pôde saber he, que na Grecia, & em muitas partes do Oriente ha hũas Rosas, que chamão

Rosas

*Ambr.*

4. Reg. 2.

Rosas da Virgem Maria, maravilhosas no que nellas se experimenta em testemunho da pureza celestial da Mãe de Deos. Nascem estas Rosas junto à Cidade de Jericò, naquelles campos que são regados com a agoa da fonte, que sendo amargosa, Eliseu converteo em agoa doce, lançando nella hũas pedras de sal, com que perdeu o amargor, & a terra que em redor està, sendo antes esteril, dalli por diante ficou frutifera, & muy fertil. Nella nascem estas Rosas, que sendo levadas a diversas partes do mundo, seccas, &urchas, que todo o anno as guardão, vindo a noite do Natal, começam a abrir, & mostrar suas folhas naquella graça, & belleza que primeiro tiverão na terra aonde forão produzidas; assim estão, & se deixão ver por algum espaço de tempo, até que pouco, & pouco se tornão a cerrar, & ficar como de antes. Por isso chamadas Rosas da Virgem Maria, que mostrão nesta maravilha, como a Mãe de Deos foi Rosa pura, & immaculada, antes do parto, no parto, & depois do parto, sempre cheia de graça, sempre bella, & graciosa, sempre Rosa purissima, & agradavel a Deos.

Plinius.

Diz Plinio, que para a dor de cabeça, & outros males do corpo, he remedio salutifero ter Rosas à cabeceira. Pois se nos males da alma, & nos roins pensamentos, que o inimigo traz, tivermos na memoria, & dentro no coração esta divina Rosa, que he a Virgem cheia de graça, não haverá mal q̄ nos moleste, nem dor que nos afflija, nem tentação que nos vença, & faça cair.

Aqui he bem, que se saiba a razão que houve para todos os annos benzer o Summo Pontifice hũa Rosa de ouro em a quarta Dominga da Quaresma, que chamamos da Rosa. Esta foi, que estando por muitos annos o Reyno de Boemia apartado da união, & gremio da Igreja Catholica por heresias, & erros que seguia contra a verdade da Fé, havendo por este respeito entre os Boemios grandes inquietações, & guerras com mortes de muitos, foi Deos servido que aquella gente



se redusse, & tornasse ao conhecimento da verdade, do que resultou tão grãde alegria em todo o Reyno, que andavão os Boemios pelas ruas como doudos de prazer. E foi tão grande o que em Roma se recebeo com esta nova, que não cessavão de dar graças a Deos pela merce que fiserã àquelle arruinado Reyno; & em mystica significação do espirital gosto, que a Igreja Militante, & Triunfante recebèra com a cõversaõ desta gente, benzeo o Summo Pontifice hũa Rosa de ouro, que mandou de presente ao Rey de Boemia, dandolhe a entender, que naquella Rosa lhe mandava o final da graça em que elle, & o seu Reyno de Boemia ficava para com o Ceo, & Igreja, à qual se tinha reconciliado; & que assim como a Rosa alegre, & recrea com seu cheiro, & agradavel vista, assim elle, & a Cidade de Roma se alegrãra com a boa nova, que lhe viera de sua união ao corpo da Igreja. Dalli por diante ficou em antigo costume benzer o Papa todos os annos em a quarta Dominga da Quaresma hũa Rosa de ouro, que sempre manda de presente ao Rey de Boemia.

Rosa com espinhos.

Gostos da vida.

*Consideração primeira.*

**P**Ela Rosa com espinhos quer Santo Augustinho, que se entendão gostos da vida, que sempre andão rodeados de amarguras, achando-se só em os Ceos prazeres, que se não misturão com males. O mesmo quer Santo Ambrosio, dizendo, que a gloria do mundo se rodea de cuidados, como a Rosa de espinhos, & que assim quer Deos, que o experimentemos, para que vendo a pouca firmesa das cousas da terra, aprendamos a amar as do Ceo, que tem eterna doçura. A boa apparencia da vista està cercada de muitas ansias, & à graça della anda junta tristeza, como espinhos à Rosa; pelo que diz

*August.*

*Ambr.*

Y

elle,

elle, que quando nos virmos contentes com gostos da vida, nos lembremos da culpa, pela qual nascêrão espinhos, & trabalhos aos homens, que florecião no Paraíso de toda a frescura. Andai cuberto de ouro, & diamâtes, tende os prazeres que quizerdes, trazeis ansias nesse contentamento, espinhos entre essas rosas, porque cõ gostos da vida mistura o mesmo Deos cuidados, dores, & tribulações.

Sap. 2.

Neste sentido que a Rosa tem de gostos transitorios, parece que no livro da Sabedoria, em figura dos peccadores, se estão convidando huns a se coroarem de Rosas antes que se murchem: *Coronemus nos rosis, antequam marcescant.*

Gregor.

Que he o mesmo que incitarem se a seguir gostos, & prazeres da vida, antes que se passem, & vão das mãos. Aonde diz S. Gregorio, que não nos admiremos de ver florescer os peccadores nesta vida, que no fim della conhecem que seccão, & murchão, quando juntamente perdem a doçura dos gostos temporaes, & entrão em desconfiança de perderem tambem os eternos, que Deos tem aparelhado aos que o amão.

Neste significado se mostra, que se houverão prudentemēte aquelles que com serem gentios, considerando a pouca firmeza dos gostos do mundo, deixavão por morte encarregado a seus herdeiros, que todos os annos levassem às suas sepulturas Rosas, em final, que quando elles mais florecião, & gozavão da vida, então se murcharão em breve tempo, como Rosas. Assim o fez aquella nobilissima matrona Romana Publica Cornelia Annia, que vendo morrer ao marido, não se atrevendo a ficar com os trabalhos, & encargos de viuva, viva se enterrou com o proprio marido defunto, tendo por melhor partido enterrar se em vida, que com a soledade, & desamparo de viuva padecer morte prolongada; & visto que seus gostos, & felicidades tão depressa tinham passado, mandou a seus herdeiros, que todos os annos levassem Rosas à sua sepultura, aonde na morte acompanhara a quem em vida amara tanto.

Lirio.

Pureza.

*Consideração primeira.*

**T**Endo a Rosa o primeiro lugar entre as flores, diz Plínio, que abaixo della tem o Lirio o seu, de nobresa, & dignidade. He verdade, que da sagrada Escriitura se collige, que tem o Lirio preeminencia entre as flores, conforme o q̄ Esdras diz, falando com Deos, que de todas as cousas que elle criara, escolhèra para si hũa, a que particularmente chamava sua; como das aves a Pomba, & de todos os animaes a Ovelha, & de todos os povos a Sion, & de todas as flores ao Lirio; não nomeando de todas as flores que a terra cria, senão ao Lirio por sua flor: *Ex omnibus floribus elegisti tibi Liliuum tuum.* Faz por isto que na fabrica do Templo de Jerusalem, mandava Deos que nos remates das columnas, & de outras obras, pusessem Lirios, não querendo ter à vista outras flores, que não fossem Lirios, como significadores da pureza, com que tão se recrea. E não carece de mysterio dizer Christo nosso bem a seus Discipulos, que considerassem com attenção os Lirios do campo, que Deos veste de tanta belleza: *Considerate lilia agri.* Como! que nesta flor, mais que em todas as outras tinhão que fazer muitas considerações. Aonde Santo Hilario sobre S. Mattheus, quer que se entendaõ aqui pelos Lirios os Anjos, que são creaturas purissimas. Estes *Non laborant, neque nent: quia virtutes Angelorum ex ea quam adeptæ sunt, originis suæ sortem, ut sint, semper accipiunt.* Não tem estes Lirios que trabalhar, nem que merecer, porque as virtudes Angelicas pela ditosa sorte que lhes coube de bemaventurança, tudo tem, & nada lhes falta, nem póde faltar. Assim nos convida Santo Ambrosio, que consideremos quão grande seja a nobresa, & fermosura do Lirio,

4. Esd. 5.

Ex. 25.

3. Reg. 7.

Matt. 6.

Luc. 12.

& como suas alegres folhas se começam a espalhar, de forte, que parece resplandecer por dentro dellas huma semelhança de fino ouro. Tomai na mão hũa destas flores, & vede se mão algũa de artifice, por subtil, & engenhoso que seja, a póde imitar tanto ao proprio, como elle o representa: flor tão bella, & excelente, que diz o Senhor, que nem Salamão na mayor gloria, em que se vio, se vestia tão rica, & ayre sumente, como hum destes Lirios: *Quid Lilio speciosius*, diz S. Bernardo? Que cousa he mais fermosa, & bella, que o Lirio? Que flor mais engraçada? Que bonina mais cheirosa?

*Hieron.  
Cyril.  
Theod.*

*Theoph.*

*Ex. 33.  
3. Reg. 7.*

*Cant. 6.*

*Bernar.*

*Prov. 13*

*Phil. 2.*

*Mat. 5.*

Os Padres Santos, & Doutores sagrados, como S. Jeronymo, S. Cyrillo, Theodoretto, Theofilato, querem que pelo Lirio se entenda pureza, & tudo aquillo que diz limpeza da alma, & resplendor de virtudes. Assim diz Theofilato, que com ralaõ chamaremos Lirio àquelle que vimos viver limpamente, & resplandecer entre os homens com alguma luz de virtude, & perfeição. E S. Jeronymo diz, que quando Deos nos alumea, & das trevas do peccado traz à pureza, & luz da graça, então florecemos como Lirio.

Este significado de pureza dà a Igreja Catholica ao Lirio, quando entoando louvores das Virgens, repete aquellas palavras dos Cantares, dizendo, que seu Divino Esposo se apascenta entre Lirios, que são almas puras de que se acompanha; porque como elle seja Lirio em a pureza, não sabe conversar senão com Lirios, ou por ventura (como diz S. Bernardo) o apascentarse Deos entre Lirios, he recrearse, & deleitarse na limpeza, & fragrancia de virtudes. Antes diz este Santo, já mais sabe estar sem Lirios, o que sempre de si desterra vicios: *Absque Liliis non est qui absque vitiis est*. Com Lirios está, & com Lirios conversa, q̄ são corações puros, a q̄ o Espirito Santo chama simples, dizendo, q̄ o seu praticar he com gente simples: *Sermocinatio mea cum simplicibus*. Qual o Apostolo quer que sejamos pacificos, quietos,

quietos, & singelos filhos de Deos, que já nesta vida se chamão Bemaventurados.

*Consideração segunda.*

**D**O Lirio significar pureza, vem chamar-se o Salvador do mundo Lirio dos valles, aos quaes vem manando fontes de graças dos altos montes da eternidade: *Flos campi, & liliū convallium*. Lirio dos valles, que nos valles se acha; porque só nos humildes mora, & não com aquelles q̄ em suas opiniões são montes que tocão as Estrellas. Santo Ambrosio diz, que Christo nosso bem foi Lirio, porq̄ igualmente se achou nelle a brancura da Divindade, & o sangue da Humanidade. Euquerio diz, que he Lirio pela gloria da Ressurreição, branco por fóra quanto à gloria do Corpo, dourado por dentro pela gloria de sua bēditissima Alma, Lirio cerrado antes da Payxão, Lirio aberto depois da Ressurreição. Aponio diz, que era flor do campo antes da Encarnação, no celestial vergel do Paraíso, & quando se vestio de nossa humanidade, se fez Lirio dos valles, descendo ao valle de lagrymas, por nos levar aos outeiros da gloria. Foi Lirio, diz S. Bernardo, & Lirio tudo o que nelle consideramos. Lirio seu Cōcebimento, Lirio seu Nascimento, Lirio o seu Sātissimo Nome de Jesus, Lirios todas suas obras, suas palavras, seus milagres, sua pręgação, & seus divinos Sacramentos, porque em tudo entrou pureza, em tudo foi purissimo, & todas suas coufas cheirão a soberana limpessa.

*Consideração terceira.*

**D**O Lirio significar Pureza, nasce tambem que a Igreja Catholica se chama Lirio, o qual então se diz estar entre espinhos, quando (como affirma Santo Augustinho) a Igreja floresce entre as tribulações, & perseguições de crueis

*Ambr.*

*Eucher.*

*Aponio.*

*Bernar.*

*August.*

tyrannos, gentios que a maltratão, barbaros que a lastimão, peccadores que a defacatão, & hereges que com suas blasfemias a ferem. Qualquer alma santa he tambem Lirio, a qual

*Gregor.* (como diz S. Gregorio) levantando-se da raiz de sua mortalidade à celestial fermosura, guarda para consigo na alma, & no corpo a brancura da immaculada pureza, & alenta aos proximos com o cheiro da boa opinião. Origenes, & Santo Ambrosio dizem, que o Justo he Lirio entre espinhos, porq̃ sempre tem quem o perliga, & lhe dê em que merecer. E quando isto lhe falte, não faltão tentações, que o molestem, misérias que o opprimão, & receyos que de continuo o acompanhem. Está o Lirio entre espinhos, quando o bom permanece entre os malignos, o casto entre os deshonestos, o pacifico entre revoltosos, & o abstinente entre comilões. Os peccadores são como espinhos, aonde quer que estão, hão de molestar aos bons; mas aonde quer que estiverem, diz Oseas, que o Justo florecerá como Lirio. E desengana-se o mundo, que ninguem pôde ser Lirio sem estar entre espinhos: porque como diz S. Bernardo, não poreis pé em parte algũa, aonde não acheis espinhos, não andareis palmo de terra, aonde estes vos não escandalizem, porque está o mundo cheyo delles: no ar estão, junto, & apar de vós estão, & na vossa mesma carne estão. Andar entre elles, sobre elles, & apar delles, sem vos ferirem, & magoarem, certamente que será por virtude divina, & não cautela vossa: porque sem particular favor do Ceo, não ha fugir de tantos laços, & tropeços.

E pois o Lirio significa pureza, procuremos todos ser Lirios, porque (como diz o mesmo S. Bernardo) não venha o amator dos Lirios, & ache tudo em nós espinhos. Vistão-se de Lirios os que querem estar junto àquelle que só de Lirios se acompanha, & entre Lirios se recrea; a vossa obra, o vosso desejo, o vosso pensamento sejam Lirios de pureza, & suavidade de bons costumes, porque tambem os costumes tem seu cheiro, & suas cores, se conforme o que são, & o que mostrão

pódem

pódem contentar, ou descontentar àquelle Deos, & Senhor, que de si mesmo diz, que he flor do campo, & Lirio dos valles. Acerca do Lirio vem a proposito saberse aqui a ração, porque o Reyno de França tem por Armas as tres flores de Lirio, que chamamos Flor de Lises, as quaes lhe forão dadas do Ceo, como forão as Quinas de Portugal a El-Rey Dom Afonso Henriques. O que consta disto he, que convertendo-se Clodoveo Rey de França à Fé de Christo, com o seu Reyno, que até então era Gentilico, lhe forão dados do Ceo por novo brasaõ de suas Armas, & do Reyno, tres Lirios fermosissimos, em lugar de tres feissimos sapos, que tinham por insignia de suas Armas, antes de se converterem à Fé; no q̃o Ceo quiz mostrar a fealdade dos vicios, & cegueira em que aquella gente vivia, quando tinha sapos por divisa. E nos Lirios quiz significar a pureza da Fé, que recebião das tres Pessoas, & hum só Deos, que confessavão, pureza em que havião de viver, & a pureza em que se havião de conservar.

Lirio cessem.

Saudades.

*Consideração primeira.*

**A** Cessem, ou Açucena he o Lirio branco, que (conforme diz Abenesdras Rabino douto, interprete das derivações Hebraicas) se chama Susanna na lingua Hebraea, q̃ quer dizer Flor bellissima, nome que teve aquella casta matrona Susanna, molher de Joaquim, que era o mesmo que chamarse por sua fermosura Lirio branco, Rosa, ou Alegria, que tudo isto quer dizer Susanna, & por esta ração se chamou Susa aquella Cidade da Persia, nomeada em as divinas, & humanas letras pelas delicias, & frescura do lugar. O nome desta flor Açucena, ou Cessem, se conserva entre nós mudadas, poucas letras de Susanna, que em Hebraico se chama. Os Latinos

*Abenesdr*

*Grego*

*Latino*

a nomeão por *Flos Regia*, Flor Real, por ser mais que todas fermosa, & suavissima em o cheiro. Entre nós significa saudades, nome que a lingua Hespanholanãotem, nem os Latinos; declarando huns, & outros saudades por este nome de feos, & desiderium: ficando nisto a lingua Portuguesa de vêtagem, pois para hũa cousa tem esta palavra desejos, & saudades para outra. O serem estas significadas na *Cessem*, deve ser pela propriedade desta flor, que sendo cortada, ou arrancada da raiz, & terra aonde se cria, mudada dahi para outro lugar, não secca, nem se murcha, antes abre, & descobre suas flores, fazendo no gomil aonde a põem, o mesmo que houuera de fazer na terra aonde dantes estava, & isto pela virtude que intrinsicamente conserva da propria natureza; o que não faz a rosa, nem o cravo, nem outra flor, que hũa vez cortadas não tornaõ a reverdecer. Pois se a *Cessem* apartada de sua raiz não deixa de lançar flores, assim o que tem amor ausente, & apartado do bem que ama, não deixa de amar, & florecer nas lembranças que sempre tem vivas, de que procedem as saudades. Para a *Cessem* florecer, tanto lhe monta estar unida à planta donde nasceo, como apartada della. O mesmo faz em huma parte, que na outra. E para o que ama mostrar que tem verdadeiro amor, tanto lhe faz estar à vista do bem que ama, como afastado d'elle: igualmente ama presente, que ausente; se não houvermos de dizer, que nas ausencias mostra o puro amor finelas, que em presença não descobre, como a *Cessem*, que cortada começa a descobrir flores, que dantes não manifestava: aonde S. Gregorio diz, que quando as saudades são de verdadeiro amor, na mayor dilação de ausencia crescem, & vão avante, como crescião as de David, antes de ver, & gozar a face de seu Deos. E Nazianzeno diz, que em nenhuma cousa mostra mais o amor suas falhas, ou perfeições, que nas ausencias, & que a experiencia d'elle não se faz na conversação de cada dia, mas nos intervallos de comprido tempo, aonde mostra suas saudades, como o pintor, que para julgar-se

*Gregor.*

*Nazian.*



se a pintura tem imperfeições, não a vê de perto, mas afasta-se ao longe, donde vê, & julga melhor o estado da pintura; assim as experiencias do amor de longe, & não de perto se hão de fazer, porque dos longes se vem seus quilates, & perfeições. Por isso quando a Pastora dos Ceos era rogada de seu Divino Esposo, que em presença de seus amigos lhe mostrasse o muito que della era querido, respondeo singularmente, que fugisse elle, & se ausentasse ao longe, dando a entender, que não era seu amor de tão baixa liga, que só em presença houvesse de mostrar o muito que o amava. Fugi ( dizia ella ) querido Esposo meu, a esses altos montes da eternidade; ausentaivos por algum tempo de mim, & então vereis o que vos quero, que nesse apartamento mostrarão saudades minhas a alteza de meu amor, nas ausencias quero que vejais quanto vos amo. E assim he, que amor que só de presença se satisfaz, he amor de principiantes, que não sabem querer sem ver, nem amão mais que em quanto possuem. Amor de presenças mostrar-se ha firme, mas nem por isso he mais forte, & permanente. Amor de ausencias de veras he firme, & constante; porque he independente de exteriores. O fogo que dà na polvora, levanta mais fumaças, & lavaredas, faz mais estrondos, porém logo passa, & cessão elles. O fogo que està apartado na suprema região, he subtilissimo, tem mayor actividade, & sustenta-se sem materia; assim o amor na materia que tem presente, pôde fazer mayores estrondos, & dar mayores sinais da muita força que tem, em querer, & amar muito; porém o amor que se conserva nas ausencias, independente de vistas, & sem objectos presentes, he o que tem mayor vigor, & actividade, & o que mais consiste em sua perfeição, como fogo em sua esfera. De tal amor como este procedem as saudades, cuja significação se manifesta em a Cessem.

Cant. 8.

8. 1001

Cant. 4.

Con.

el-afleis 2am, otro ab sv a oñ, adpibitqmi ma sturciq a el  
 miltis, mutaiq ab *Consideração segunda.* so longe, donde v  
 ab oñ el otro ab oñ, & no de pto le ho de

Cant. 8.

**F**ica bem saberse aqui, porque rafaõ em todas as pinturas,  
 onde a Virgem Senhora Nossa està ouvindo a Embay-  
 xada do Paraninfo S. Gabriel, vemos junto a ella hum gomil  
 cheyo de Açucenas. E ainda que muitos attribuão isto à pu-  
 reza da Virgem, com tudo segredo tem pintaremse as Cessens  
 neste só mysterio, & não em outros. E assim havemos de di-  
 zer, que as Cessens neste lugar significaõ as saudades, & dese-  
 jos que a Virgem tinha de ver o Verbo Eterno no mundo,  
 para remedio d'elle. Isto desejava, & por isto suspirava de cõ-  
 tinuo. Que se Abrahamõ, & os mais Patriarcas, & Profetas de-

Ioan. 8.

sejaraõ summamente ver em seus dias a Deos humanado, &  
 com estes desejos se despediaõ da vida, quaes seriaõ os da  
 Virgem Senhora Nossa, que em outra cousa não cuidava,  
 nem contemplava, não fazia outras instanciaõs ao Ceo, senão  
 aquellas da Divina Esposa: *Veniat dilectus in hortum suum.*

Cant. 4.

Que quer dizer, acabe já de vir o Amado ao vergel, & jar-  
 dim de seus deleites. Eraõ estas saudades em a Virgem tão  
 grandes, que considerando-as alguns Santos Prelados da  
 Igreja, vieraõ a assinalar particular dia, em que celebravaõ a  
 Festa da Expectação da Virgem Maria, que quer dizer:  
 Festa das Saudades, & Desejos com que a Senhora esperava  
 ver a Deos encarnado para remedio dos homens. Por isto só  
 neste mysterio (em que as saudades da Mãe de Deos eraõ  
 mais intensas, & já começavaõ a ter o fim que desejavaõ) se  
 pintaõ as Cessens, significadoras dellas. Mas os que não ficaõ  
 satisfeitos deste sentido, vejaõ o que se segue.

Consideração terceira.

**A** Cefem cortada, parece que lhe cortão as esperanças de florecer ao diante, & pela mesma rafaõ que a cortão, a deixaõ impossibilitada para reverdecer; mas com tudo ella cortada entãõ reflorece, & mostra mais sua belleza, & suavidade. A Virgem Maria, quando com o voto de perpetua castidade que tinha feito, parece que cortava, & impossibilitava as esperanças de dar fructo, & ser mãy, porque se não compadecia com o estado de Virgem a dignidade de Mãy, vem a poderosa Mão de Deos, & faz que essas esperanças cortadas em a Virgem, reflorecão por Fé; porque quando a natureza as corta, a Fé as refuscita; quando a rafaõ as impossibilita, faz o Ceo que reverdeção, ordenando que hũa Virgem seja Mãy, não de outrem, senãõ do proprio Deos. Diz a rafaõ natural, que com o titulo de Virgem se não compadecẽ o de Mãy, corta, & dessepa estas esperanças, porem ellas cortadas reflorecem com virtude divina, mostrando que podia hũa Virgem juntamente ser Mãy, como o tinha profetizado Isaias, dizendo: *Ecce Virgo concipiet, & pariet.* Olhai a grande maravilha fora de toda a ordem, & disposição natural, que hũa Virgem ha de conceber, & ser Mãy, não perdendo a excellencia de Virgem, nem deixando de alcançar a dignidade de Mãy de Deos, que abaixo de Deos não a ha mayor; & assim parece que tem este sentido mais conveniẽcia a respeito das Cessens que se pintão junto à Senhora no mysterio da Encarnação.

Isai. 7.

**A**  
Lirio

Lirio de cor do Ceo.

Eloquencia.

*Consideração primeira.**Cel. Aug.**Homer.**Lucian.**Seneca.*

**O** Lirio de cor do Ceo, que os Hespanhoes chamão Cardeno, os Latinos chamãrão Iris, pela semelhança que tem com o arco celeste, nas flores que mostra brancas, verdes, amarellas, vermelhas, & azuis: da qual variedade de cores tem entre nós o nome de cor do Ceo. Celio Augusto, Author gravissimo, diz que este Lirio he figura da eloquencia, & que por esta razão, quando Homero trata das Embayxadas que os Oradores Troyanos levavão da parte del-Rey Priamo ao arrayal dos Gregos, (que tinham em cerco a Cidade de Troya) finge o Poeta, que para estes Embayxadores se mostrarem rhetoricos, & eloquêtes nas praticas, que propunhaõ, comião primeiro Lirios de cor do Ceo, porque esta flor na variedade, & ornato de cores agradaveis, he semelhãte à Iris, a qual para com os Antigos era tida por deosa da eloquencia, & dizião que servia de levar recados, & embayxadas a Juno, que era a mayor de todas as deosas; & por isto comião destas flores variadas de cores, porq̃ como diz Luciano, a oração ha de ter variedade de cores rhetoricas, figura, & comparações convenientes. E como Seneca o diz melhor: *Nihil est jucundum, nisi quod reficit varietas*, nenhũa cousa póde ser agradável, se com a variedade se não realça, & aperfeiçoa.

*Consideração segunda.*

**A** Lem disto, tem este Lirio muitas propriedades, pelas quaes he symbolo da eloquencia, como ser unico remedio contra a peçonha, & mélinha saudavel contra as dores de cabeça. Move a lagrymas, provoca a sono, com outras  
mais

mais virtudes semelhantes às que a eloquencia tem, de mover a lagrymas quando he necessario, & ser excellente remedio contra o veneno da inveja, ou payxão que outrem nos tem. Ella abranda, & aquieta corações perturbados, & ella cõ seu suave modo de dizer suspende, & deixa a gente adormecida; donde dizia Seneca: *Habet venenum suum blanda oratio.* A oração branda, & eloquente tem seu veneno, porque persuade quanto quer, & alcança quanto pretende. O concerto de suas palavras he como peçonha que se gosta, & não se sente. Assim dizia o Principe dos Oradores: *Nihil est tam incredibile, quod dicendo non fiat probabile*, não ha cousa tão incrível, que com o bom modo de dizer não fique provavel. Da eloquencia dizia Demetrio Falereo, que quanto na guerra montavão as armas, tanto na paz valia a eloquencia; porque na guerra determinãose as cousas por armas, & na paz por persuasio de palavras. E Pyrrho Rey dos Epirotas dizia, que com a eloquencia de Cineas seu Embayxador se tinhão acrescentado mais Cidades ao seu Imperio, que com os esquadões de seus soldados. Cicero de claris Orat. dizia: *Ut hominis decus est imperium, sic ingenii lumen est eloquentia*, assim como o engenho ennobrece o homem, assim a eloquencia he a que dà nobresa, & lume ao engenho. Pelo que serve esta de muito ornato, & perfeição aos Principes; ainda que he cousa rara acharse ella em alguem na perfeição que se requer: pelo que costumava dizer Marco Antonio, a quem em seu tempo (como diz Cicero) se deu o primeiro lugar da eloquencia: *Disertos se vidisse multos, eloquentem omnino neminem.* Que elle tinha visto a muitos avisados no falar, & a nenhum eloquente no dizer. E que trazendo elle no entendimento debuxada a imagem da verdadeira eloquencia, em nenhum sugeito a achava tão propria, como elle a representava na imaginação. Seneca em poucos a achou perfeita, & em muitos a descobrio com muitas faltas. A de Cicero louva elle, & engrandece muito, & por isso diz falando d'elle: *Compositio*

Cicero.

Val. Ma.

Cicero.

Seneca.

350 FLORES JACINTHAS. SABEDORIA.

*positio ejus una est, pedem servat, curata, lenta, & sine infamia mollis.* A sua composição he sempre hũa, tem medida, he concertada, branda, & delicada, sem que se note nella algum defeito. Esta confessa elle que dava musica a suas orelhas, parecendo-lhe a dos outros muy desentoadada. O mesmo parecia àquelle famoso sabio, & Rey de Aragaõ Affonso, o qual estando ouvindo hũa musica de bons, & suaves instrumentos, mandou que se fossem embora os musicos que a davaõ; porque tinha outra que ouvir de mais suavidade, & harmonia, como era a lição de Cicero, fonte da eloquencia Romana: *Abite, (disse elle) abite musici, adest enim qui dulciora nobis loquatur, Cicero Romanæ fons eloquentiæ.* Cefai musicos, & idevos dahi, porque em casa fica quem me de musica melhor, fica Cicero o Principe da eloquencia, cuja lição me recrea, & agrada muito,



Flores Jacinthas.

Sabedoria.

*Consideração primeira.*

*Cel. Aug.*

**O** Jacintho he hũa flor, & especie de Lirio, que os Poetas fingiraõ que fora algum tempo hum fermoso menino, que Apollo convertèra nesta flor, que ficou retendo o mesmo nome de Jacintho que dantes tinha. E por esta flor diz o mesmo Celio Augusto (conforme o tinha descoberto em Authores antigos) que se entende a Sabedoria; porque como Apollo fosse tido por Deos das Mufas, & do engenho, veyo-se a dizer, que o sentido natural em quanto se naõ corrompe cõ algũa malicia, he como hum menino innocente, que carece de aviso, & discrição; mas que entaõ he esse sentido bello, & fermoso, quando se levanta à contemplação de cousas altas; donde se segue, que levantado sobre si, & alumiado com a razão, ponha de parte o fervor juvenil, & se converta, & transforme

forme em flor de sabedoria, juizo, & discricão, lançando de si suavissimo cheiro de virtudes. Isto he o que os Filósofos antigos doutamente consideravaõ, quando a esta flor attribui- raõ a significação da sabedoria. E he de advertir, que supposto que haja nos campos outra flor chamada Jacintho, que tam- bem os Poetas fingiraõ que nascera do sangue de Ajax, quan- do por suas mãos se matou, vendo que lhe não davaõ as ar- mas de Aquilles, a que era oppositor com Ulysses, achando- se em as folhas desta flor escritas estas letras A Y. Com tudo quer Pausanias que não seja este o verdadeiro Jacintho signifi- cador da sabedoria; mas aquelle que florece no fim de Março, & entrada de Abril, juntamente com as Violetas, produzindo muitas flores juntas, & estas violadas com algũas nodos negras, & distintas entre si.

Ovidio.

Pausan.

*Consideração segunda.*

**S**eneca Filosofo, com ser Gentio, chegou a descobrir grã- des efeitos da sabedoria, & os bens que nella se conti- nhaõ, dizendo, que he a sabedoria hum dom, que nesta vida nos leva ao estado de bẽaventurança, para ella nos guia, & vai mostrando o caminho; dirigindonos a tudo o que he bem, & desviandonos de tudo o que he maligno; livra o entendimẽ- to de vaidades, & ensina que só aquelle he felicissimo, q̃ não tem necessidade de felicidade algũa, & que só aquelle he po- deroso, que a si mesmo tem em poder, & só aquelle he sabio, que tem louvavel composição dos efeitos da alma, procedẽ- do sempre com justiça, & verdade, não se levantando em cou- sas prosperas, nem abatendo com as adversas, nem estiman- do as cousas conforme opiniaõ, mas segundo a natureza del- las, mostrando se superior a todos os acontecimentos, em tu- do fermofo, em tudo bem affombrado, sem temor, & pertur- bação algũa, prevendo o que ha de fazer, & o que não ha de fazer, & em tudo o mais governãdo a vida, & acções della em

Seneca.

boa

Chryf.

Eccl. 24.

libro 0

capitulo 7

Eccl. 24.

Rom. 12.

Bernar.

boa conformidade. S. Chrysoftomo diz, que he difficulto-  
 fimmo achar a verdadeira Sabedoria: *Sapientiam veram dif-*  
*ficilime est inuenire.* E o Espirito Santo diz, que quem acha  
 Sabedoria, acha mel de que se sustente, & logo avisa que se  
 coma pouco d'elle, porque não haja vomitallo: *Sapientiam*  
*inuenisti, mel inuenisti, ne multum comedas, ne satiatus*  
*evomas illud.* O que S. Bernardo declarando diz, que aquel-  
 le come mel de Sabedoria, que aprende a viver, & proceder  
 bem, com virtude, & justiça. E aquelle vomita este mel de fa-  
 bedoria, que se ensoberbece com ella, como farto de muito  
 saber. E quer que o prudente coma deste mel, de sorte, que  
 sabendo muito, fique sempre com fome de saber mais, & cui-  
 de que ainda não sabe tudo, & que lhe resta muito por saber;  
 porque a mesma Sabedoria diz: *Qui edunt me, adhuc esuri-*  
*ent.* Aquelles que se sustentão de manjares meus, com come-  
 rem muito, sempre ficão com fome, Por isso o Apostolo S.  
 Paulo diz, que bom he saber, mas que esse saber não seja mais  
 do que releva, & o que baste com temperança: *Sapere ad*  
*sobrietatem.* Saber o que basta, he procurar cada hum saber  
 o que lhe releva, & o que ante tudo lhe releva, que he fazer  
 só caso das cousas que permanecem para sempre; & saber que  
 Deos he a mesma Sabedoria, que sábia, & prudentemête quer  
 ser amado de nós. E se dizeis que sois sabio, que sabedoria he  
 a vossa, diz S. Bernardo, senão alcançais a Christo, virtude, &  
 sabedoria de Deos? Aonde está a verdadeira prudencia, se-  
 não na doutrina de Christo? Aonde ha verdadeira temperã-  
 ça, senão em sua santissima vida? Aonde ha verdadeira fortã-  
 leza, senão na sua Morte, & Payxão? Por isso só aquelles se hão  
 de chamar sabios, que aprendem a doutrina de Christo, a qual  
 não entra pelos olhos, nem sentidos do corpo, mas pelos in-  
 teriores da alma, fervor de espirito, & effeitos do coração. Os  
 sabios antigos não souberão inquirir, & buscar a verdadeira  
 Sabedoria; porque quando a buscãrão não se lhes escondèra  
 de sorte, que de algum modo se lhes não manifestasse. Mas

mod

como



como se occupavão em outras vãs inquirições, diz S. Chry-  
 sostomo, que assim acabarão, como começãrão. Começa-  
 vão por ignorancias, nellas acabavão; por isso nosso Redem-  
 ptor disse, que aos sabios, & prudentes se escondião myste-  
 rios dos Ceos: porque como diz S. Jeronymo, erão huns  
 animaes que se sustentavaõ só de vã gloria, & louvor do mun-  
 do, erão escravos da fama popular, que só por esse respeito se  
 avantejavão em algũas cousas. E mais procuravão inquirir a  
 natureza das cousas criadas, que ao mesmo Creador dellas.  
 Sabios ignorantissimos, que assim acabãrão como começã-  
 rão. E pois a verdadeira sabedoria consiste no conhecimen-  
 to, & amor de nosso Deos, saibamolo conhecer, & amar  
 como temos obrigação, não querendo saber mais, que saber  
 amar a Deos.

Chryf.

Mat. 11.

Flores Narcifas.

Gentileza.

*Consideração primeira.*

**H**Umas flores ha no campo fermosas, & agradaveis à  
 vista, & de poucos conhecidas pelo nome, porque  
 quem as vê, as julga por Lirios, a que ellas são muito seme-  
 lhantes, parecendo quasi da mesma fôrma, mas bem confide-  
 radas, logo se vê a differença que tem em muitas cousas. Cha-  
 maõse estas flores Narcifas, nome que se lhe deu daquelle  
 fermoso mancebo, juntamente muito nescio, o qual (como  
 na sua transformação se conta) vendo sua sombra representa-  
 da na agoa, tanto se afeiçãoou, & namorou della, que lan-  
 dando-se no poço, aonde se estava revendo, por se chegar  
 mais perto à imagem que via, se afogou, & logo por compai-  
 xaõ dos deoses foi convertido em flor do seu proprio nome.  
 Alguns dos que contão o fingimento dão o sentido delle,  
 não havendo fabula que careça de algum segredo. E quizerãõ

Ovid.

Cel. Aug.

Z

elles

elles que nesta flor se significasse a gentileza do corpo, que como flor do campo com pequenas alterações se muda, & deixa de ser. E porque Narciso se namorou de sua propria gentileza, a elles são comparados aquelles, que dotados de algũa, se pagão tanto destes dões naturaes, que na complacencia delles descobrem muitas vezes faltas de juizo, & entendimento, que não deixão de ser grandes absurdos, & devanejos. E succede assim, que quando alguns destes não occupem os sentidos em afeições alhejas, para consigo as tem. Narcisos que se afeiçãoão da propria gentileza, não lhes pensando de serem nascidos, & trabalhando quanto podem por conservar as boas apparencias, & partes que tem. Estes com rafaão se chamaão Narcisos loucos, que revendo se nas agoas de suas ignorancias, se afogaão nellas.

*Consideração segunda.*

*Chryf.* **A** Gentileza ( diz S. Chrysoftomo ) he dom de Deos, q̃ elle dà mais a hũas creaturas, que a outras, & a fermosura por si he amavel ( diz Santo Augustinho. ) Mas que cousa he gentileza? que cousa he fermosura, ( torna S. Chrysoftomo a perguntar ) se não pô. & lodo da terra? Ha cousa no mundo mais fea, vil, & disforme, que pô, & lodo? Pois olhai para as sepulturas dos homens, & não vereis nellas senão pô, cinza, & lodo abominavel: porque quando o corpo por morte deixa a vida presente, então se vê que gentileza he a sua, vestindo-se de cor pallida, & amarellidaõ medonha, & convertendo-se brevemente em corrupçaõ de torpe, & immundo lodo. E se Deos ( como sabio Artifice ) de taõ baixa, & vil materia quiz fazer taõ grande belleza, & fermosura de corpo, não he para que tu creatura sua te aproveites mal della, mas para que louves a Sabedoria de Deos, que fabrica taõ boas cousas. Não façais pois injuria a taõ excellente Artifice, & não queirais que a obra de sua Sabedoria seja receptaculo de vossa torpessa.

torpeza. Olhai para tão boa obra, para que louveis tão bõ Artifice. E olhando para ella, não passeis a terdes outro pensamento, que não seja louvardes a Deos. Porém se neste olhar correis perigo, não olheis; ponde guarda em vossos olhos, ponde cautela em a vista, porque pelas janelas dos olhos entra a morte no aposento da alma para lhe tirar a vida, por isso: *Jerem. 9. Oculos tuos obstrue, impone legem oculis tuis*, fechai os olhos, ponde leys, & preceitos aos olhos, para q̃ não vejaõ cousa que lhes faça mal. Se amais a fermosura, ( diz Santo Augustinho ) amai a Deos; porque não ha cousa mais fermosa que Deos: *Pulchrius Deo nihil est*. Elle he Author de tudo o q̃ he fermoso, & bello, & elle muito mais bello, & fermoso. Não vos digo, que não ameis, porque quem não ama, ou he pedra, ou não usa de rafaõ. Amai a fermosura, mas aquella que se vê com os olhos da alma. Amai a belleza, mas seja aquella que he permanente. Não quero belleza exterior, ( diz Chrysofostomo ) fermosura da alma he a que busco. Que cousa he a pessoa bella, & fermosa? *Sepulchrum dealbatum*. Hũa sepultura curiosa, & concertada: de sorte, que se na pessoa não houver pureza, castidade, temor de Deos, & humildade, a sua gentileza he fealdade, he peçonha, & laço do demonio, para destruir a muitos.

A fermosura da alma ( diz S. Bernardo ) he a que se deve estimar, & esta consiste na boa tenção, na innocencia, & na humildade. Aquella alma verdadeiramente he fermosa, a qual interiorment e adorna a celestial fermosura, & a Angelica alteza a acompanha, a divina caridade a inflamma, & o fervor do espirito a acende: *Nigra sum, sed formosa*, se pôde dizer pela tal alma. Negra, & descorada sou, tal o pareço, & tal o quero ser, porque he bem que a carne ande mortificada, o corpo fraco, & penitente, o rosto pallido, & macilento: *Nigra sum*, porque não me faltaõ tribulações, & angustias; sirvo, trabalho, & obedeço como servo, como escravo: porem a alma he fermosa, porq̃ da fermosura da alma ando sollicita, & não da do

corpo. Ferosa fou por juizo de Deos, & dos Anjos, que af-  
 fim o julgaõ: os homens pódem julgar outra coufa, porque  
 vem só o que no rofto apparece, mas Deos vê o coração, &  
 do concerto defte fe agrada. Os homens vem esta negridaõ  
 de rofto, vem estas minhas enfermidades, males que me af-  
 fligem, & trabalhos que me canção, mas Deos a fermofura  
 da alma, & della fe namora: *Felix nigredo, quæ mentis cã-  
 dorem parit*, diz este Sãto, ditosa negridaõ, de q̄ nasce tal brã-  
 cura do entendimento, tanto lume de sciencia, & tão grande  
 pureza da consciencia: *Lumen scientiæ, conscientie puritas.*

Violas.

Conhecimento.

*Consideração primeira.*

**A**S Violas são flores tão estimadas por seu cheiro, &  
 suavidade, que lhes deraõ os Antigos eminente lugar  
 entre as flores. E Plinio quer, que apoz as Rosas se figaõ as  
 Violas, & nenhũas outras flores se lhes prefiraõ: *Violis honos  
 proximus*, diz elle. Junto às Rosas tem as Violas lugar de ex-  
 cellencia, porque não ha flores mais cheirosas que ellas, nem  
 mais medicinaes para a saude. São flores que de roxo escuro  
 tiraõ a purpureas, & nascem cõmummente em lugares fres-  
 cos, & sombrios. Virgilio lhes chama amarellas, quando diz:  
*Pallentes violas, & summa papavera carpit.*  
 Mantua. Mantuaõ lhes dà appellido de purpureas, dizendo:  
*Purpureas passim violas, & candida passim lilia.*  
 Significão estas flores conhecimento. As razões cuide-as ca-  
 da hum como quizer, porque não consta este significado de  
 Authores que o confirmem. E já he verosimil significarẽ co-  
 nhecimento, por serẽ as Violas as primeiras flores, q̄ daõ noti-  
 cia, & conhecimento do Veraõ q̄ vem; como q̄ este as mãda  
 diante por mensageiras, & annunciadoras de sua alegre vinda.

E

E he assim, porque passado o Inverno, nenhūas flores vemos primeiro nos campos, que as Violas, as quaes nos dão a entender ser chegada a Primavera com sua belleza, & variedade de flores. Quando esta rafaõ não basta, tão difficultoso será descobrir o significado do conhecimento, como o he alcançallo cada hum de si. Pelo que sendo Diogenes perguntado, *Laert.* que cousa havia no mundo mais difficultosa de se alcançar, respondeo, que o conhecerse hūa pessoa a si: *Nosce te ipsum.* Porque he certo, que o amor proprio faz desconhecer a cada hum, & attribuir a si mais do que tem em si, donde disse muito bem Seneca: *Nemo se avarum intelligit, nemo cupidum.* *Seneca.* *Cæci ducem quærent, nos sine duce erramus.* Nenhū avaro se tem por avaro, nenhum cobiçoso se conhece por tal. Os cegos buscão quem os guie, & nós sem guia erramos: grande cegueira! notavel engano o nosso! Diz Plutarco, *Plutar.* que sendo assim, que ninguem chama fraude à sua doença, nem frio à sua febre, nem fraqueza à sua boa disposição; com tudo às suas doenças da alma chamão muitas virtudes, & aos vicios excellencias; porque muitos tem a sua ira por fortaleza, a sua inveja por zelo santo, a sua luxuria por necessidade, o seu odio por honra, & o seu medo; por sua cautela. E se o negocio entra em cada hum conhecer o que alcança de juizo, ninguem ha que se conheça. Dizia Socrates, que se em hum publico *Stobæus.* theatro mandassem levantar os sapateiros, & alfayates, elles se havião de levantar logo; se os barbeiros, & ferreiros, do mesmo modo se levantarião, & assim a mais gente: porèm se mandassem que se levantassem os prudentes, & avisados, neste passo se havião todos de levantar, & pòr em pé, porque todos se tem por avisados, & não ha ignorante que se não tenha por prudentissimo. E isto he muito pernicioso ao governo do mundo, & boa ordem das cousas, que sendo (como diz este Filosofo) os mais dos homens ignorantes, com tudo cuidem que entendem, & alcançao as cousas melhor que todos. Esopo dizia galantemente, que cada hum de nós traz com- *Esopus.*

Herod.

figo duas cevadeiras às costas como passageiros ; hũa fica para tras, outra para diante ; nesta lançamos defeitos alheios q̄ trazemos à vista para os notar. Na outra lançamos proprias culpas ; & porque ficaõ detras das costas, nunca as vemos, nê conhecemos por taes. A Leão Beantino, Filosofo avisado, lançaraõ em rosto certo defeito, que tinha nos olhos, ao que elle respondeo: *Humanum opprobriasti vitium, cū ipse Nemesis in tergo portes*. Notavel passo, que me lanceis em rosto hum defeito natural, de que não tenho culpa, trazendo vòs às costas cargas de vicios, porque haveis mitter ser açoutado, & bem castigado. Neste particular podiamos todos tomar exemplo de Seneca, o qual dizia, que não passava dia q̄ não conhecesse de si, como juiz do delinquente: *Quotidie apud me causam dico*, diz elle. Não passa dia, em que comigo não entre em juizo, a mim mesmo me accuso, & defendo, & conforme a ligeireza, ou excesso das culpas me condeno, ou absolvo dellas. Lançado na cama, que me afaõ a candeia dos olhos, & a casa està quieta, me ponho a cuidar no que fiz aquelle dia, em que errei, & pudéra não errar, na la escondo a mim mesmo ; basta que me conheço por culpado, alcanço minha insufficiencia, & melhor me reprehendo, do que me pudéra reprehender Nemesis, a mesma deosa da reprehensãõ.

Seneca.

*me causam dico*, diz elle. Não passa dia, em que comigo não entre em juizo, a mim mesmo me accuso, & defendo, & conforme a ligeireza, ou excesso das culpas me condeno, ou absolvo dellas. Lançado na cama, que me afaõ a candeia dos olhos, & a casa està quieta, me ponho a cuidar no que fiz aquelle dia, em que errei, & pudéra não errar, na la escondo a mim mesmo ; basta que me conheço por culpado, alcanço minha insufficiencia, & melhor me reprehendo, do que me pudéra reprehender Nemesis, a mesma deosa da reprehensãõ.

### Consideração segunda.

Bernar.

**M**uito necessario he tratar cada hum de se conhecer a si, porque procede disso grande proveito: *Volo animam* (diz S. Bernardo) *primò omnium scire se ipsam*. Quifera que a alma Christã primeiro de tudo tratara de se conhecer a si, porque a ração o pede assim, & a boa ordem o ensina ; & por interesse nos fica a sciencia que alcançamos do procedimento da vida para a pretensãõ do Ceo ; que a faltar esta, mal se pôde começar fundamento para o edificio celestial.

tial. Do conhecimento de si sóbe a pessoa como por degraus ao conhecimento de Deos: *A te tua consideratio inchoet*: (diz este Santo) De vòs deve começar a vossa consideração, & o vosso conhecimento, & sem este, por mais segredos dos Ceos que alcanceis, & por mais sabedoria de que vos adorneis, tanto que não souberdes, nem vos conhecerdes a vòs mesmo, fareis edificio que depressa ha de cair. Tudo o que edificardes fóra de vòs, he pó que o vento leva. Nenhuma cousa sabe quem a si mesmo não sabe. David trabalhou muito por se conhecer a si, & do proprio conhecimento alcançou muito daquelle Deos, & Senhor, que de outro modo he incomprehensivel. Assim dizia elle falando com o mesmo Deos: *Mirabilis facta est scientia tua ex me*. O conhecimento que tenho de vòs, meu Deos, de mim nasce, & do que tenho alcançado de mim, & do que sou; & este he tão admiravel, que totalmente não posso chegar a elle, fico muito por baixo, muito a perder de vista; porèm isso que de vòs alcanço, nasce do que de mim alcanço, & de me eu conhecer, alcanço o conhecervos a vòs. Quando os Levitas na Ley Velha hião a entrar no Templo, primeiro se lavavão em hum lavatorio de espelhos de crystal, que Moyfes por ordem de Deos mandou fazer à entrada do Templo; & quando nelle se lavavão, juntamente se estavão vendo no transparente crystal, em sinal, que não sómente os Sacerdotes, mas todas as almas Christãs, a que pertence o conhecimento de cousas divinas, se hão de ver como em espelhos, & conheceremse a si mesmos, para entrar a conhecer a Deos, & tratar de o servirem, & amarem. Os Genticos não deixarão de entender quaõ necessario era conhecerse cada hum a si mesmo; & conta Platão, que no templo de Apollo Delphico tinhão à entrada hum letreiro que dizia: *Nosce te ipsum*. Conheceivos a vòs mesmo. E querião nisso significar, que antes de apparecerem à vista do deos Apollo, tratasem de conhecerse a si, para o conhecerem a elle.

Com isto conformavão os Egypcios, quando mandavão que as molheres nos templos tivessem espelhos nas mãos, em que se vissem todo o tempo que duravão os sacrificios, & ceremonias gentilicas, como avifando-as, que aquelle era o lugar, aonde deixando praticas, & conversações impertinentes, havião de tratar de olhar para si, & conhecerse a si mesmas, para que dahi entrassem no conhecimento das cousas divinas, que alli vinhão buscar. E para que vendo-se aos espelhos, considerassem, que a fermosura que tinhão, depressa havia de passar, ou que a belleza da alma respondesse à do corpo, ou que por esta julgassem, qual seria a de quem lhes deu a mesma q̄ tinhaõ. Salamão nos Proverbios diz, que aonde não ha conhecerse a pessoa a si mesma, não póde haver bem algum: *Ubi non est scientia animæ, non est bonum*. Pelo menos de se não conhecer a si, vem o desconhecer a Deos; & de penetrar suas proprias cousas, nasce descobrir agoas de conhecimento celestial. Procurava Isaac que a sua gente, & gado não morresse de sede, & tivesse agoa em terra, que era falta della. Para isso abria poços, & mais poços, mas não faltavão inimigos que logo lhos entupião com a mesma terra que tirava delles. Diz S. Gregorio, que quem procura conhecerse a si mesmo, abre poços como Isaac, porque na peregrinação desta vida he necessario penetrar cada hum o profundo de feu coração, & não descansar até descobrir a agoa de verdadeiro entendimento. Estes poços determinão entupir nossos inimigos, porque os espiritos immundos, quando nos vem entrar no interior de nossas almas, & no mais profundo de nossas consciencias, lanção sobre nós terra de tentações, entulho de pensamentos, & ferras de desconfianças, para que nunca nos aproveitemos da agoa do bom entendimento, & cheguemos a conhecer o que somos, & em que nos havemos de tornar.

Prov.  
19.

Gen. 26.

Gregor.



Hera.

Ambição.

*Consideração primeira.*

**F**Oi a Hera celebre entre os Antigos, porque he verde, & nunca lhe cahe a folha. Dedicou-se a Baccho, que sempre se pintou verde na idade, como a Hera nas folhas; dando a antiguidade a Baccho, & ao Sol perpetua mocidade, & verdura de annos. Tambem os Poetas se coroavão de Hera, porque suas poesias merecião perpetua verdura, & agradavão tanto como a frescura do campo. Da divina Escrittura consta, q̄ nas festas que os Gentios fazião a Baccho, se coroavão todos de Hera, & porque os Judeos o não querião fazer, se diz em o segundo livro dos Macabeos: *Cogitabant hederã coronari.* Erão os miseraveis Judeos constangidos a se coroarem cõ Hera, & a celebrarem juntamente com os idolatras as festas de Baccho, & aquelles que o não querião fazer, padecião varios generos de tormentos.

A Hera significa ambição pelas propriedades que tem de sobir sempre mais alto que todas as plantas, que lhes ficão vizinhas, arrimando-se ao que acha diante, com laços estreitos, & apertados, condição do ambicioso, que aonde quer que está, pretende subir, & ser mais que todos; & para haver de sobir usa dos meynos possiveis, ajudando-se de tudo o que pôde para effeito de sua ambição. Tem mais a Hera, que depois de trepar por hũa parede, & se senhorear della, vem por tempo a dar com ella no chão de forte, que cahe a parede, & juntamente a Hera. Propriedade da ambição, que depois de levantar hũa pessoa, dà com ella no chão, derribando-a do mais sobido lugar ao mais infimo da terra, do que cada dia vemos admiraveis exemplos. A Hera he fresca, & agradavel, parece que sua verdura he perpetua; mas com facilidade sec-

Plinius.  
Horat.

2. Mac. 6

ca,

Jon. 4.

ca, & fica murcha, como se vio na que fazia sombra ao Profeta Jonas, & de repente se lhe seccou, & o deixou ao ardor do Sol. As honras, & dignidades, que a ambição alcança, são alegres, & agradaveis, & com tudo nada ha de menos dura, & perseverança; depressa passão, depressa deixão de ser. Pelo significado que a Hera tem de ambição, vem ella a ter appellido de ambiciosa, como lhe chama o Poeta Cremonense, quando diz:

Cremon.

*Si hederæ assurgens ambitiosa manu.*

E Horacio:

Horat.

*Lasceivis hederis ambitiosior.*

Na Hera quem bem advertir, notará duas cores, hũa pallida, & amarella, outra verde escura, donde o Poeta Sidonio lhe pos nome de cor dobrada.

Sidon.

*Fleētis penniferos hederis bicoloribus armos.*

A ambição duas cores tem, hũa de virtude fingida, com que se mostra muy alheya de honras, & outra de cobiça infaciavel, com que aspira a dignidades. Ou como diz S. Gregorio, dous generos, & duas cores ha de ambição: hũa daquelles que com palavras brandas, & córadas vão dispondo os intentos que tem de subir: outra daquelles, que desembuadamente pretendem as cousas.

Gregor.

A Hera pretende subir mais alto que as outras plantas, por mais nobres, & levantadas que seião, sendo ella em comparação das outras de baixa forte. Condição do ambicioso, que deseja ser preferido aos que são mais nobres que elle; a estes quer dominar, & ter debaixo dos pés: *Ambitiosi præesse cæteris etiam melioribus concupiscunt*, diz S. Gregorio. Desejão os ambiciosos ser superiores aos que são melhores que elles, por isto suspirão, por isto se canção, & inquietão, vencendo difficuldades, & padecendo molestias, & amarguras. Isto experimentou Santo Augustinho algum tempo que viveo no mundo, antes de se converter a Deos: *Inhiabam* (diz elle) *honoribus, lucris conjugio, & tu irridebas*. Eu andava

August.

mor-

morrendo por honras, por interesses, & gostos meus, & vòs Senhor estaveis rindo de minha louquice. Eu nestas minhas pretensões padecia amargosísimas dificuldades, & vòs Senhor não permittieis que eu achasse doçura nellas, porque não se acha esta aonde vòs não estais.

*Consideração segunda.*

**S** Aõ Bernardo diz, que a ambição he mãy da hypocrisia, *Bernar.* que commummente quer estar escondida. He a ambição cruz intoleravel dos cobizosos, que os atormenta, & agoniza. He cruel, & sem piedade, porque para effectuar o que pretende, não repàra em maldade algũa, por enorme que seja. He a ambição hũ alto monte aonde muitos deseirão subir, não se escarmentando nas quedas q̄ vem dar aos cutros, nasce isto da natural propensão, que todos temos de subir. He a ambição raiz da impiedade, mal subtilíssimo, peçonha secreta, péste escondida, mestra de enganos, obreira de maldades, parenta da inveja, fonte de vicios, occasião de peccados, traça da virtude, bicho da santidade, doença da alma, cegueira dos corações, sede insaciavel, furor implacavel, principio de todos os males. O Filosofo Timon, por sobrenome Misanthropos, que quer dizer aborrecedor dos homens, dizia, que os elementos dos males erão avareza, & ambição, porque como daquelles primeiros, & segundos principios naturalmente se gérão todas as cousas, assim da avareza, & ambição se gérão todos os mais vicios. Pavorino outro Filosofo dizia avizadamente, que parte dos homens erão dignos de escarneo, parte delles odiosos, & aborrecidos, parte miseraveis. Dignos de escarneo erão os que ambiciosamente aspiravão a cousas maiores; aborrecidos aquelles, que as alcanção com ambição conhecida. Miseraveis aquelles que se enganão com

August.

com suas esperanças, pois naquillo que com desejo buscão, nada achão menos, que aquillo que esperão alcançar. Santo Augustinho quer, que a ambição seja aquella cadeira pestilencial, aonde se não assenta o que procura ser bemaventurado; porque assim como a peste he hum mal commum, que anda por diversas partes, & aonde dà, fere a muitos, & a outros mata; assim esta doença de mandar, & ter dominio, a muitos toca, & a muitos contamina, he peste geral no mundo; he no coração do homem hũa tempestade desfeita, que com a força dos ventos envolve as agoas do mar, & as areas que no fundo estão. Assim as perturbações do ambicioso revolvem interiormente todas suas potencias da alma, & cegão o lume do entendimento de sorte, que não repára em commetter grandes delittos. Por ambição quiz Absalaõ matar a seu proprio pay, & aonde os pays havião de achar consolação em rafaõ de piedade, ahi achão a morte em respeito de ambição. Esta ensina a fazer o que a natureza não alcançou, & o que a piedade tem horror de commetter. As bestas feras reconhecem as mesmas que as gérãõ, para se apiedarem dellas; os ambiciosos nem perdoão aos pays, nem aos mais chegados parentes. Estas são as razões porque a ambição he significada pela Hera, a qual já mais deixa de sobir: *Quem enim ambitiosum vidimus aliquando contentum adeptis dignitatibus ad alias non anhelare?* Diz S. Bernardo. Que ambicioso vimos nunca contente de sobir a hũa, & outra dignidade, senão que sempre aspira por sobir a outras mayores? As folhas da Hera comidas causão furor; este trazem consigo os que se sustentão do manjar da ambição, que como gente que perdeu o juizo, anda anelando a seus intentos com cego furor, que precipitadamente os leva à execução delles.

Bernar.

cap. 12.

Espigas.

Espigas.

Fartura.

*Consideração primeira.*

**E** Spigas dizem fartura, & abundancia; significado que os Latinos lhe deraõ daquelle primeiro tempo que os Romanos costumaraõ trazer por divisa de suas bandeiras, & estandartes hũas espigas pintadas nelles, dando nisto a entender, que outros Reynos do mundo podiaõ ter mais prata, & ouro, mais diamantes, & pedras preciosas, porẽm que nenhum delles tinha fartura, & abundancia de paõ, como o povo Romano; & por isso todas as nações do mundo podiaõ viver seguramente debaixo de seu Imperio, pois tinha paõ para fartar a todos. Tomaraõ os Romanos motivo de sair com esta tenção, vendo que os homens de nenhũa cousa tem mais necessidade, que de paõ, & nenhũa cousa procurão mais que fartura de paõ, & nada temem, & receaõ mais que a inopia, & falta delle. Pois mostremos ao mundo, diziaõ elles, quaõ poderosos somos, & que bom governo he o do Senado Romano, pois tem paõ para todo o seu povo, & para todos os mais que se sogeitaõ a elle, & assim naõ haverà Reyno que nos naõ queira por senhor, ou por amigos confederados. Ponhamos em nossos estandartes espigas de paõ, significadoras de nossa fartura, & todo o mundo se virà a nós. Por esta ração houve muitos Emperadores, que nas moedas mã-  
*Pierius.*  
 davaõ esculpir espigas de paõ, para mostrar que de nenhũa cousa se gloriavaõ mais, que de procurarem fartura para seu Imperio, & que naõ lhe faltasse paõ: porque havendo em seu tempo fartura, nem elles tinhaõ mais que dar, nem menos que procurar ao seu povo. Isto fez o Emperador Vespasiano, Antonino, & Adriano. E Levinio Regulo para mostrar, que todo o tempo, que governou o povo Romano, fora abundan-

dantíssimo, nos cunhos das moedas mandou figurar hũa dona cheia de uvas, rodeada de espigas, dando a entender, que não faltara em seu tẽpo fartura de pão, & vinho, que são duas cousas que fazem o anno ditoso, & o tempo felicissimo. Tambem he de considerar, que para se mostrar como tudo no Verão he frescura, & fertilidade de fructo, se pinta hum homem coroado de flores, & nas mãos molhos de espigas, figura propria do Verão, que nas flores manifesta frescura, & nas espigas fartura de pão. Ovidio quando quiz pintar o Estio, disse que estava nũ, em respeito das calmas, & porque com o verem nũ, não cuidassem que estava pobre, & falto de cousas, diz q̃ tinha nas mãos molhos de espigas, ou na cabeça capellas de espigas, que era indicio de sua fertilidade.

Ovid.

*Stabat nuda æstas, & spicea ferta gerebat.*  
No povo Gentilico, quando alguns sonhão com espigas, prognosticavão os agoureiros, que era sinal de muito cedo haverem de ter abundancia, & fartura de bens, significada nas espigas, como o conta Pierio.

*Consideração segunda.*

**A**S sette primeiras espigas que Faraõ vio em sonhos, cheas, & carregadas de grãos de trigo, significadoras forão da muita abundancia de pão, que logo se seguiu por espaço de sette annos, conforme Joseph interpretou o sonho:

Gen. 41.

*Septem spicæ plenæ, septem ubertatis anni sunt.* As sette espigas cheas significão sette annos de fertilidade. Como também as sette que vio sem grãos de trigo, significavão esterilidade, que apoz a fartura se havia de seguir. Mas porque communmente quem diz Espigas, entende espigas cheas, & fermosas, por ellas se entende tudo o que diz fartura, abundancia, & fertilidade. Isto parece que se dava a entender, quando no Levitico mandava Deos, que entrando os filhos de Israel na terra de Promissaõ, tanto que chegassem a recolher

Lev. 23.

pão

pão de suas sementeiras, levassem molhos de espigas, & as oferecessem ao Sacerdote, o qual tinha obrigação de as levantar diante do Senhor, como dandolhe graças de lhe dar tanta fartura, & fertilidade como elles tinhão. Sobre o que diz Radulfo, que então fazemos espiritualmente o mesmo, quando contemplando a abundancia dos eternos bens, lhe damos graças por esses mesmos bens que nos tem promettido. No que contemplava David, quando dizia, que esperava ver, & gozar os bens do Senhor em a terra dos viventes, aonde tudo he fartura, & nenhuma falta se póde sentir. Das espigas diz Santo Augustinho, que postas nas mãos dos homens significão fartura, bens, & prosperidades da vida; mas espigas nas mãos dos Apostolos significão mortificação, & rigor da carne: como quando elles obrigados da fome colhião por onde passavaõ espigas, cujos grãos comião depois de os debulharem, & alimparem entre as mãos, em final que ninguem chega a se encorporar com Christo, senão mortificado, & despido de toda a carnalidade, como diz S. Paulo: *Expoliantes vos veterem hominem.* Para serdes graõ da sementeira do Senhor, haveis de ser trilhado, & mortificado; & então o chegais a ser, quando vos despis do antigo homem de vossos proprios appetites, & irracionaes desejos.

Radulp.

Psal.26.

Mat.12.

Luc.6.

Colos.3.

Graõ de Mostarda.

Fé.

Consideração primeira.

O Graõ de Mostarda diz Fé, & he figura da verdadeira, que confessamos. Baste q̄ para o ser o disse a Súma Verdade por sua bocca, falando com seus Discipulos: *Si habueritis fidem, sicut granum sinapis, &c.* Se tiverdes Fé, como hum graõ de Mostarda, & disserdes a este monte, que se passe

Mat.17.

passe

Luc. 13.  
 Marc. 4.  
 Mat. 13.  
 August.

passa da outra banda, velozes logo passar: nada com a Fé vos será impossível. Também por S. Lucas faz o mesmo Senhor semelhante o Reyno dos Ceos ao grão de mostarda, q̄ lançado na terra cresce até se fazer arvore, aonde vieraõ defcançar aves do Ceo. A ração deste significado dá Santo Augustinho, dizendo, que a comparação he singular. Porque assim como o grão de mostarda he pequeno, vil, & desprezado, sem apparencia que possa ser proveitoso, com tudo trilhado, & mastigado, já delle sahe hũa acrimonia, & viveza, q̄ desperta, & fortifica, já de si lança cheiro, & suavidade delectosa, já tem sabor appetitoso, & confortativo; com tal effeito de calor, que causa espanto, ver que em tão pequena cousa se esconde tão vivo fogo. Assim a Fé, à primeira vista parece pequena, humilde, pobre, desprezível, que nem mostra potencia, nem arrogancia, nem manifesta forças, & virtudes, q̄ tenha; & com tudo, começando-se essa Fé a trilhar, & acometer com varias tentações, & perseguições, logo mostra seu vigor, & acrimonia; descobre fortaleza, brio, & coração, faz praça de virtudes, & proesas, que tinha encuberto, & espalha tão grande calor, & fragrancia de sua credulidade, taes chãmas de divino amor, que cresce a olhos vistos, arde, & inflamma-se, & faz arder, & inflamar os mesmos que della participão, como aconteceu àquelles que ouvindo ao Author da mesma Fé, diziaõ: *Nonne cor nostrum ardens erat in via, dum aperiret nobis Scripturas?* Quando este Senhor nos hia no caminho declarando as scritturas, & mysterios da Fé, por ventura não sentiamos nõs já alli o calor, & fogo que elle acendia em nossos corações? Pois assim como o grão da mostarda aquece as entranhas, assim o vigor da Fé inflamma o peito com fogo celestial, queimando, & abrazando nelle tudo o que diz frieza de peccado, consumindo os malignos pêfamentos, & extinguindo todo o humor de luxuria. E se aquelles grãos são proveitosos para a cabeça, a Fé redundou em grande proveito, & gloria da nossa espiritual Cabeça, que he

Luc. 24.



he Christo, o qual sem a Fé dos que havião de crer, & salvar-se, achava que ficava só, & sem companhia. Athaneo diz, que o grão de mostarda sendo pequeno, cresce mais lançado na terra que outras sementes, que nella se lanção, & que do mesmo modo a Igreja de Deos, do pouco que era em seu principio, creceu em tal augmento, que ficou sendo arvore, em cujos ramos se vem agasalhar as aves do Ceo: porque aquelles que com suas sciencias cuidavão que voavão sobre as nuvens, conhecendo o erro de suas falsas feitas, descendo de suas opiniões, se vem agasalhar nos ramos desta arvore, que he a Fé de Christo. E aquellas provincias, & nações do mundo, que imaginavão levantar-se às Estrellas com a adoração de seus idolos, entendendo o engano de suas idolatrias, vem cõ ligeiro voo tomar lugar nesta arvore da santa Fé, aonde achão o seguro, & verdadeiro repouso. E então se diz, que esta arvore se faz mayor que as demais hortaliças, que se semeão, quando a nossa Fé fica sendo superior a todas as feitas, & falsas doutrinas, que no mundo se semearão, & crescerão muito em algũas partes da terra.

Athaneo

*Consideração segunda.*

**A** Fé em seu principio podia-se chamar (como diz Isaias, *Isai. 14.* & os Padres antigos querem entender por ella) *Pau-* *Theoph.*  
*percula, & tempestate convulsa, absque ulla consolatione.* *Euthim.*  
 Pobre parecia, sem amparo, sem consolação, combatida de *Hieron.*  
 tempestades como a nao no meyo do mar. Tão pequena, que *Beda.*  
 por ella se póde entender aquillo dos Cantares: *Soror nostra* *Cant. 3.*  
*parvula est, & ubera non habet.* Pequena foi, mas creceu tão *August.*  
 to, que diz Santo Augustinho, que foi tão grande milagre  
 subir a Igreja a tanta prosperidade de tão fracos principios,  
 fogeitando-se os ricos à pobreza, & os poderófos à fraqueza,  
 que basta só isto para fazer crente no mundo a Fé de Chris-  
 to. Todas as feitas de Estoicos, Peripateticos, Platonicos,

Academicos, & Epicuros, começaraõ, ou com poder, ou com razões rhetoricas, ou com dissoluções, & liberdades da consciencia. Mas a Fé de Christo começou pela humildade do mesmo Christo, & por doze pobres idiotas. Dahi cresceu tanto, que della se entende aquillo de Isaias: *Erit germen Domini in magnificentia, & fructus terræ sublimis*. A plânta do Senhor crescerá em magnificencia, & o fructo que dará na terra, será sublime, & levantado. E David diz: *Operuit montes umbra ejus, & arbusta ejus cedros Dei*. A sombra desta arvore cobrio os montes, & as plantas que se levantaraõ em redor, cresceráõ mais que os cedros do Libano.

*Isai. 4.*

*Psal. 79.*

O graõ de mostarda he semelhante ao Reyno do Ceo, porque pela Fé entra o Christaõ em o Reyno de Deos. Este graõ he pequeno, porque a Fé faz pequenos por humildade aos que a professaõ, & por isso diz Christo: *Nisi efficiamini sicut parvulus iste, non intrabitis in Regnum Cælorum*. Se vos não fiserdes pequenos como este menino, não entrareis no Reyno dos Ceos. Por isso S. Paulo estimava em muito o ser pequeno, & nomearse por minimo: *Ego autem sum minimus Apostolorum*. Plinio diz, que a mostarda ló com o cheiro lastima os olhos, & provoca a lagrymas. A Fé de Christo, & a sua Evangelica doutrina, bem vista, & bem considerada, deve provocar a hũa santa tristeza, a pranto, & a lagrymas: porque considerando o Christaõ o bem que tem em ter a Fé de Christo, chore sua tibieza, & ingraticidaõ para cõ Deos, faça penitencia de seus peccados, & seus olhos de continuo sejaõ fontes de lagrymas, como eraõ os daquelles Santos antigos, que de continuo andavaõ tristes, derramando rios de lagrymas, vivendo em desertos, & lugares solitarios. As merces de Deos quando chegaõ a hũa alma tibia, & froxa, ficaõ sendo como fazenda perdida: *Misit eas in sacculum pertusum*. Diz Aggeu, lançou a esta alma ignorante em hum sacco roto; mas quando daõ em huma alma honrada, & agradeida: *In meditatione mea exardescet ignis*. Na minha medita-

*Mat. 18.*

*I. Cor. 15*

*Aggeus.*

ção,

ção, diz David, se acendem chammãs de fogo. E se estas se não acêdem nos peitos dos malignos, he porque como diz Isaias: *Opus Domini non respicitis, neque opera manuum ejus cōsideratis.* Não attentais as merces do Senhor, nem considerais peccadores as obras de suas mãos. Tambem se póde dizer, que o Justo he graõ de mostarda, porque he humilde, & na sua opiniaõ inferior a todos. He despresado, & folga de offer: deste modo vai crescendo, & augmentando-se em graças, & virtudes, & as aves do Ceo, que são inspirações do Espirito Santo, os bons pensamentos, & santos propositos, se vem recolher em sua alma. E tambem esse Justo, que parece pequeno, & vil, tratado, & conversado, já tem acrimonia, & mostra cheiro, & fragrancia de virtudes. Por todas estas razões convem ao graõ de mostarda o significado da Fé q̄ fica dito.

Madresylva.

Entendimento.

*Consideração primeira.*

**A** Madresylva que os Latinos chamaõ *Caprifolium*, ainda que particularmente não seja referida na sagrada Escrittura, tratar-se-ha aqui della, & do significado que tem entre nós, porque quando na mesma Escrittura sagrada se faz menção de flores, certo he que se não entende hũa só flor, mas toda a variedade de flores, que o campo cria, & por isso he bem que aqui se trate de muitas, como a Madresylva, Violas, Jasmims, & outras semelhantes, que por serem flores, tem aqui seu lugar debaixo deste nome Flores. A Madresylva significa Entendimento, & deve ser, porque esta pequena, & humilde planta, produzindo de si com iguaidade a certos passos humas folhas pequenas que atiraõ a brancas com flores suavissimas, & muy cheirosas, parece que mostra entendimento em não sair logo com todas ellas

Aa ij

abertas,

abertas, como com mummête succede às demais flores, senão que apoz hūas vai abrindo outras, repartindo-as para largo tempo do Verão, com que sempre parece que o festeja, mostrando nelle a fragrancia de suas flores. Parece mais que mostra entendimento no modo que busca para se conservar, & pôr em lugar alto, porque sendo ella planta humilde, & fraca, que por si não tem forças, nem tronco para se levantar do chão, sabe-se aproveitar de todas as plantas que lhe ficão visinhas, pegando em os ramos de hūas, & outras, com todas se enlaça, de todas se ajuda, para ficar de alto, mostrando suas agradaveis flores de forte, que por artificio parece que alcança o que por natureza não tem. Mostra mais parecer, que se entende em se não dar em partes aonde outras flores escureção, & abatão sua belleza, senão aonde ella só manifesta a sua, & todas as mais lhe fiquem inferiores: porque sempre a Madresylva se dà em vallados, & matas cheas de sylvas, & outras plantas asperas, entre as quaes està pendendo superior a todas no cheiro, & suavidade. Finalmente significa entendimento, porque então floresce quando as rosas, & as mais flores seccão, & deixio de reverdecer. As outras flores apressão-se por vir no principio do Verão, & padecem muitas desgraças do tempo, outras vem tão tarde, que por serem de Outono, não agradão tanto, & tambem tem seus inconvenientes; a Madresylva nem apparece com suas flores logo no principio, nem no fim do Verão, senão no meyo delle, que o tempo està seguro, o campo mais alegre, os bosques mais frescos, as arvores mais cheas de fructo. E para se amparar, & defender das calmas, busca lugares sombrios, & companhia de plantas que a resguardem. Todos estes lanços são proprios dos que bem se entendem, que sem fazerem aggravo a outrem, buscão modos de valer, & manifestar seu talento, & industria. Em tudo são advertidos, & acautelados, em tudo prudentes para saberem viver, & proceder de sorte, que a todos agradem, & a ninguem sejam

sejão molestos. Assim são muitos os louvores que a sagrada  
 Escrittura dá aos que bem se entendem. O Espirito Santo nos  
 Proverbios diz: *Intelligens gubernacula possidebit.* A pes- *Prov. i.*  
 soa que se sabe entender, merece que se lhe commetta tudo o  
 que he governar, & estar em lugar alto para reger, & mandar;  
 com segurança se lhe póde entregar o leme da nao, porque se  
 elle he bem entendido, dará boa conta do que se lhe com-  
 mette. Assim não possue, nem póde o homem possuir me-  
 lhor, nem mais proveitoso dom, que o entendimento. Entre *August.*  
 elle, & a alma faz Santo Augustinho casamento, chamando  
 ao entendimento legitimo marido da alma. S. Chrystomo *Chryf.*  
 lhe chama guia do homem, que lhe mostra o caminho por  
 onde ha de ir, & piloto que o governa nas perigosas ondas  
 desta vida; o qual se por ventura adoece, ou desfallece de for-  
 te, que não possa marear, de necessidade ha a nao de correr  
 perigo, espere-se sua perda, tenha-se por certa sua destruição.

*Consideração segunda.*

**C**onfidéra S. Gregorio, que o dom do entendimento sé- *Gregor.*  
 pre se deve exercitar, porque com a tibiesca, & froxi-  
 daõ da alma não entorpeça, & que do proprio modo se de-  
 ve procurar que este mesmo entendimento com o exercicio  
 da boa obra não se ensoberbeça. Confidéra tambem, que o  
 entendimento he dado ao homem, como dinheiro empre-  
 tado, o qual sempre o devedor o tras no sentido para o haver  
 de pagar a quem lho emprestou; porque o bom entendimẽ-  
 to he thesouro, & cofre de inestimaveis riquezas, de que Deos  
 faz depositarios a huns mais que a outros. E diz o Santo, que  
 devemos responder bem com esta divida, & deposito a quem  
 o confiou de nós: porque ha muitos, que quanto mais sobi-  
 do entendimento tem, mayor arrogancia, & soberba tem,  
 cousa que Job dizia que não passára por elle: *Si letatus sum  
 super divitiis multis, & quia plurima reperit manus mea.*

Gregor.

Palavras que moralizando S. Gregorio, diz, que nellas quiz Job dar a entender, que dandolhe Deos bom, & delicado en-

Gregor.

tendimento, (que erão as mayores riquezas que elle na vida podia possuir) nunca vamente se alegrara, nem ensoberbecera com ellas, pormais que descobrisse, & alcançasse do conhecimento, & verdade das cousas. O entendimento humano, diz elle em outro lugar, he como hũa roda de moinho, que sempre anda com ligeireza, sempre se occupa, & distrahe a diversos cuidados, & imaginações de forte, que muitas vezes o mesmo entendimento a si mesmo se não conhece, nem sabe parte de si: porque padecendo muitas molestias, não dá fé do que padece, nem sabe o que padece; & a razão he, que em quanto o entendimento se espalha por varias imaginações, afasta-se do interno conhecimento de si mesmo, & não adverte, nem repára nos males presentes, servindolhe este descuido de espanto futuro, maravillando-se depois como pode sofrer, & padecer tanto sem perigo, & lesão sua. Sendo assim, que nas occasiões de grandes males perigaõ bons entendimentos, que vem a delirar com a força delles. Com tudo não havemos de negar que molestias, tribulações, & apertos, são os que muitas vezes apuraõ, & aviventaõ o entendimento, donde procedeo o proverbio: *Vexatio dat intellectum*. O qual se tirou de Isaias, que ameaçando ao povo Judaico com castigos, que do Ceo havia de ter, diz: *Sola vexatio intellectum dabit*. Como se dissera, vos outros não vos quereis entender, nem cais na conta dos males, & peccados que fazeis; pois esperai, que eu vos prometto, que trabalhos, & angustias vos haõ de dar entendimento; padecereis males immensos, & entendereis a causa delles, pois sois gente rude, que não entende nada. Assim se queixa Deos pelo mesmo Profeta deste perverso povo, notado o do pouco que entende. O boy conhece a seu possuidor, & o jumento o presepio de seu senhor: *Populus autem meus non intellexit*. Só o meu povo não conhece a seu Deos, & Senhor, só elle

Isai. 1.

elle não entende, quem he o que tantas merces lhe faz. Em fim he gente boçal; mas pois he povo que não entende, será açoutado como menino, que por acinte, & mà natureza que tem, não quer entender o que lhe dizem: *Populus non intelligēs* Oseas 4. *vapulabit*. Diz Oseas. O povo que não entende, será açoutado, porque açoutes merece quem podendo entender, não quer entender, *Vapulabit*. Que o castiguem, que o açoutē, que lhe dem infinitas tribulações, quaes são as que de continuo padecem, sem nunca se quererem entender, & cair na conta de sua pertinacia, & obstinação: *Nescierunt, neque intellexerunt*, (diz David) *in tenebris ambulant*. Sempre foraõ nescios, sempre ignorātes, andaõ em trevas, nellas haõ de acabar, moverse haõ os fundamentos da terra, & elles se não moveraõ de sua cegueira, & ignorancia; em todas as partes do mundo se moveraõ os homēs a conhecer o verdadeiro Deos, & Redemptor do mundo, só elles o não querem conhecer, pois por isso: *Vapulabit*, será açoutado, & irã à vergonha à vista de todo o mūdo: *Donec erubescat in circumcisa mens eorum*. Diz Deos no Levitico, que se envergonhe o indomavel, & grosseiro entendimento desta gente, nação barbara, condições emperradas, costumes infernaes.

Psal. 81.

Osea 54.

Lev. 26.

### Consideração terceira.

**C**ompára S. Gregorio o entendimento humano à arvore, a qual antes de sair sobre a terra, já tem vigor, & principio para nascer, & nascendo cresce até lançar folhas, & fazerse grande de sorte, q̄ prevalece cõtra as injurias do tempo. Assim o entendimento he o que concebe a cousa, delle nasce a obra, & dahi vai crescendo a grande fructo, & proveito. Mas quando a algum levanta seu proprio entendimento, já se corrompe a arvore que havia de crescer, & quando depois de bem obrar, se deixa levar da vã gloria, & elação, secca a arvore que tinha crescido; & quando totalmente se não sabe guardar dos

Gregor.

louvores, & lisonjas com que o combatem, entaõ arrancaõ  
 ventos da vã gloria a arvore de raiz, com quanto tinha sobre  
 si: porque quanto a arvore se levanta ao alto, mais combati-  
 da he da força dos ventos. Para fugir a estes inconvenientes,  
 procure toda a pessoa em qualquer estado que estiver, enten-  
 der inteiramente, qual seja, attentando o bem dos outros, &  
 vendo o que nella não ha; para que da fortuna dos bons to-  
 me medida do que lhe falta para chegar a essa bondade, de q̃  
 sua propria malicia a vai afastando. Do muito que em outros  
 vemos, alcançamos o pouco que em nós ha, & na bondade  
 alheya conhecemos nossa malicia. Quem quer julgar das tre-  
 vas, deve ver a luz. O peccador se se vir a si, sem ver ao jus-  
 to, não se conhecerà por peccador, porque não conhece ao  
 justo. Mas elle não se póde ver a si, porque não conhecendo  
 a luz, quando se ve a si, não vê senão trevas, & escuridão. Pois  
 vejamos a vida dos justos, para que entendamos a nossa; a  
 imagem delles seja a fórma que havemos de imitar: *Quia vi-  
 va lectio est vita justorum.* A vida dos justos he viva lição  
 por onde havemos de ler, & na sagrada Escriitura os justos  
 são chamados livros abertos, porque por elles lemos, & apré-  
 demos a amar a Deos, como elles nos ensinão com sua vida,  
 procedimento, & acções della. Só nisto haviamos de enten-  
 der, & só para isto deviamos pedir a Deos. entendimento, co-  
 mo David lho pedia com tantas instancias para o servir, &  
 amar: *Da mihi intellectum, ut discam mandata tua.* E em  
 outro lugar: *Da mihi intellectum, & scrutabor mandata*  
*tua.* E assim nada mais pedia a Deos, que entendimento pa-  
 ra o conhecer, & amar. E depois que o alcançou, não cessa de  
 lhe dar as graças por tão grande merce, dizendo: *Benedicã*  
*Dominum, qui tribuit mihi intellectum.* Engrandecerei, &  
 louvarei ao Senhor, que me deu entendimento, & hum entẽ-  
 dimento santo, puro, & claro, que elle dà aos humildes de co-  
 ração: *Intellectum dat parvulis.* Que só aos que são peque-  
 nos em sua propria opinião, dà elle o entendimẽto, q̃ esconde  
 aos soberbos, & arrogantes. Na



Na divina Escrittura ha letra, & entendimêto della, o qual diz S. Bernardo, que sempre devemos tirar, & buscar, porque a letra ( como diz S. Paulo ) per si he morta, & o entendimêto he o que dà vida: & este não està manifesto, nem na superficie da coufa; dentro se esconde, interiormente o haveis de achar, entre tanto não vos pegueis aos de fóra. Mádava Deos aos Judeos, que não comessem porco, isto achais na letra, isto vedes de fóra: pois que se lhe dava a Deos, que os Judeos comessem, ou não comessem carne de porco? Não pareis naquella letra, buscailhe o entendimento, que dà vida: achareis que o mandar Deos, que não comessem porco, era mandar-lhes que não fossem torpes, & deshonestos; porque o porco he figura da torpeza, & da luxuria, & o mesmo era vedarlhes a carne de porco, que afastallos de immundicias, & vicios da carne. Mandava Deos que não tocassem em homem doente de lepra; isto dizia a letra. E a Deos que lhe hia em elles tocarem, ou não tocarem leprosos? Passai avante, & tirai o entendimento da letra, achareis que pela lepra se entende o peccado, & assim prohibir Deos, que não tocassem em lepra, foi mandar-lhes que não fizessem peccado, nem tocassem coufa aonde houvesse offender a Deos. E este he o entendimento que S. Paulo diz, que dà vida. E S. Bernardo, que este he o verdadeiro pão da alma, que conforta nossos corações, & os faz fortes, & robustos para toda a boa obra, & para todo o exercicio espiritual. O homem carnal não alcança as coufas que são do espirito, mas estas lhe parecem louquice, & ignorancia. Este não he muito que gema, & algum hora com soluços diga: *Arui cor meum*. Seccouse este meu coração, porque me esqueci comer o meu pão, pão de doçura, pão de vida, & refrigerio, com o qual apascenta Deos aos Santos, dâ-dolhes a beber agoa de salvação.

Bernar.

2. Cor. 3.

Lev. 11.

Deut. 14

Lev. 13.

2. Cor. 8.

Bernar.

1. Cor. 2.

Pf. 101.

Genes.

Cor.

Cornucopia.

Liberalidade.

*Consideração primeira.*

**A** Figura que em Latim se chama Cornucopia, pela copia, & abundancia de flores, pomos, & fruttos, que de si lança, foi celebrada dos Antigos, significando-se por ella tudo o que diz liberalidade, & condição dadivosa: pelo que muitos Emperadores, & Monarcas do mundo, que forão liberaes para com os seus, mandavão esculpir em as moedas de seu tempo semelhante figura com letras que dizião: *Liberalitas augusta*, outras *Felicitas*, outras *Concordia*, palavras em que estes Principes queriaõ significar suas grandezas, liberalidades para com o povo. E assim querendo Horacio mostrar a abundancia de cousas que em Italia havia em tempo de Claudio, diz:

*Aurea fruges**Italiae pleno diffudit copia cornu.*

A ração deste significado pend de disto, que esta figura começando em hum minimo ponto, vai-se dilatando, & ampliando mais, até lançar de si muitas flores, & fruttos, com que parece que convida a todos. A liberalidade isto tem, que sempre cresce a mais, & lhe parece pouco quanto atrás tem feito, dà sem medo, & sem limite. Os rios de ordinario quando se pintaõ, he com hũa Cornucopia nas mãos, mostrando que são liberalissimos em dar, & repartir suas agoas, para regarem, & fertilizarem os campos, não cessando já mais de correrem com ellas em abundancia para o mar. Condição do liberal, q sempre dà com larguesa, & nunca cessa de dar. Assim aconselhava Seneca a hum seu amigo: *Ne cessaveris dare, opus tuum perage, & partes boni viri exequere*. Como se disse-ra. Sede rio caudaloso, que de continuo deis, & repartais  
com

*Seneca.*

com todos abundantemente, não cesseis de dar, & fazer merces, que nisso fazeis o que he em vós, & satisfazeis à obrigação de homem honrado: *Alium re, alium fide, alium gratiâ, alium consilio, alium præceptis salutaribus adjuva.* Ajudai a todos, pois o podeis fazer, soccorrendo a huns, favorecendo a outros, aconselhando, & ensinando a outros, que não consiste só o ser liberal em dardes prata, & ouro, mas em communicardes o bom talento que Deos vos deu, & não ferdes avarenro de vossa habilidade. A liberalidade isto tem, que se não louva pelo que dà, mas pela facilidade, & alegria com que dà as cousas. A prata, & ouro, que outrem vos dà, não he a merce que se vos faz, mas he a vontade com que a cousa se vos dà. Quem pouco alcança, tem por merce o que lhe dão, mas o prudente só tem por merce a vontade com que lha dão, & ve-se que acerta, porque commummente as cousas que nos dão, perecem, & acabão, mas a vontade com que essas cousas se derão, dura depois de se consumir o que vos derão. Se as merces consistissem no que se dà, segue-se que quanto mayores fossem essas cousas, mayores seriam as merces, mas he assim, que às vezes mais nos obriga quem nos dà pouco com grande vontade, que quem com pequena offerece muito. Mais aceito he o que se dà com facil mão, que com mão chea, faltando a facilidade. Quem pouco me dà, por ventura não póde dar mais; porèm isso que me dà he muito, porque de boamente mo dà, & sem dilação, & sem murmuração, & sem duvidar, nem cuidar se dará, ou não. Assim diz Seneca: *Ante omnia libenter da, citò, & sine ulla dubitatione.* A merce que houverdes de fazer, fazei-a de boa vontade, depressa, & sem duvidardes de a fazer. E em outro lugar diz: *Sigratos vis habere quos obligas, nan tantùm des oportet beneficia, sed ames.* Se quereis que vos agradeção o que fazeis, mostrai que folgais de fazer bem, & que mais o fazeis por amor, que por outro respeito. Daqui vem que a liberalidade he virtude alegre, que

*Plutar.*

que se acompanha de gosto, & prazer, porque este lhe fica sempre do bem que faz. Epicuro com ser hum dissoluto, que poz a bemaventurança em gostos da vida, dizia que não fômente era fermoso ser o homem liberal, mas que nada havia mais agradavel, que fazer bem de boa vontade. E como nenhuma cousa conserve mais a vida que alegria, & prazer, daqui viria, que sendo perguntado Theofrasto, que cousa ajudava mais a

*Stobæus*

natureza humana, respondeo, que a liberalidade, porque o liberal que folga de fazer bem, sempre anda alegre, & nunca

*Herod.*

tem mayor gosto, que quando dà. Sem este ficou Cesar Vespasiano, que lembrando-se hũa noite, que não tinha aquelle dia feito merce algũa, mostrando o rosto triste, deu hũ grande suspiro, dizendo para os amigos que o acompanhavão: *Amici diem perdidit.* Amigos, estou triste quanto pôde ser, porque passei o dia de hoje sem fazer merces, que para mim he dia perdido, pois perdi occasiões de meu gosto, que era dar, & dispender. Notavel condição de Principe, diz Suetonio,

*Sueton.*

que tinha por perdido o tempo que gastava sem fazer merces. E bem se pareceo com elle El-Rey Affonso de Aragaõ, q̃ ouvindo contar este dito de Vespasiano, deu graças a Deos, dizendo, que daquelle modo, nem elle deixava perder os dias, pois em todos costumava fazer merces.

*Panor.*

O liberal sempre quer dar muito, & ainda quando dà muito, lhe parece que dà pouco. Alexandre Magno, como era liberalissimo, não sabia dar senão grandes cousas, nem em seu peito concebia pouquidades. Assim foi, que dando hũa vez a certo homem hũa Cidade de merce, achando-se o homem incapaz de bem tão grande, recusou aceitalla, & elle lhe respondeo: *Non quero quid te accipere deceat, sed quid me dare.* Eu sou Alexandre liberal, & dadivoso, não attento a vosso sugeito, mas à minha grandesa, attento ao que me convem dar, & não ao que vòs podeis receber. Quasi o mesmo lhe succedeo com Perillo, que pedindolhe dote para hũas filhas,

*Plutar.*

Alexandre lhe mandou dar quarenta mil cruzados, & dizêdo

Perillo,

Perillo, que dez mil lhe bastavão para dote de ambas, respon-  
deo Alexandre: *Tibi accipere, sed mihi nequaquam satis*  
*est dare.* Vós Perillo como para com vosco sois pouco, con-  
tentaivos comi pouco, & bastavos receberdes pouco, para  
cuidardes que ficais muito rico; mas a mim não me basta dar  
pouco, porque com dar muito pareceme que não dou nada.

O liberal com dar muito, he sempre rico, porque sempre  
tem o que deu. E o avarento com ter muito, não tem nada,  
pois não he feu o que de nada lhe serve. Marco Antonio foi  
pouco liberal, & vendo-se perseguido da fortuna, que lhe não  
restava mais que morrer miseravelmente, sem ter quem delle  
se compadecesse, disse: *Hoc habeo, quodcunque dedi.* Tenho Seneca.  
agora o que dei, & como não dei nada, com nenhũa cousa me  
acho, fuy só para comigo, & só comigo me acho; se fiser a bẽ,  
achara quem me fiser a bem: *Hoc habeo, quodcunque dedi.* Ao  
avarento succede assim, se em vida não deu esmola, senão soc-  
correo a necessidade do proximo, se se não compadeceo do  
afflicto, na hora da morte se achara como em vida procedeo,  
& entã pôde dizer: *Hoc habeo, quodcunque dedi.* S. Chry. Chryf.  
fostomo nos encommenda muito, que sejamos liberaes para  
com os pobres, lembrandonos do galardão que por isso nos  
promette Deos: *Liberalitatis in pauperes specimen exhi-*  
*beamus.* Mostremonos liberaes para com os pobres, pois a es-  
ta liberalidade se promete tão grande premio, sendo a com-  
paixão do pobre empréstimo que fazemos a Deos; antes on-  
zena de que nos vem tanto ganho, vede que raro, & admira-  
vel modo de usura: *Nam qui miseretur pauperi, fieneratur*  
*Deo.* Quem neste mundo tendo abundancia de cousas, não Prov. 19  
reparte dellas com os pobres, acharseha (como o rico Avarẽ-  
to) desamparado de todos, faltandolhe hũa pinga de agoa;  
porque rico que em sua abundancia se não compadece da po-  
breza de Lazaro, não achara em Lazaro glorioso final algum  
de compaixão, quando se vir em summa miseria.

Canna.

Inconstancia.

*Consideração primeira.*

**A** Canna he geroglyfico da inconstancia, como se colige das divinas, & humanas letras : porque assim como a canna he de muito fraca substancia, que com qualquer ar de vento se move a hũa, & outra parte, & com pouco peso quebra, não sendo por dentro o que por fóra mostra; assim são os inconstantes cannas, que facilmente se mudão, & movem a diversas cousas; pouca força se ha mister para os trazerem a contrarios pareceres, qualquer ar de adulação os levanta, qualquer injuria os abate, & se tem algũa apparencia de bem, não he por dentro o que por fóra apparece: *Per arundinem*

*Gregor. mobilitas mentis designatur*, diz S. Gregorio. Pela canna se entende a pouca firmeza da alma, pouca segurança da vontade, inconstancia do entendimento, fraqueza do coração, variedade do espirito, hũa condição mudavel, hum querer incerto, natureza inconstante, amor nada seguro, & emfim tudo o que não persevera, nem permanece na mesma cousa. Por isso quando Christo nosso bem, falando com os Judeos, disse que o grande Baptista não era canna, que se movia com o vento, quiz dar a entender a elles, & a todo o mundo, que era o seu divino Precursor finissimo, & constantissimo em todas suas palavras, obras, & virtudes; & que o que hũa vez dizia, não havia de tornar a desfizer, nem se havia de mover com louvores humanos, nem com offerecimentos q̄ lhe fizessem de ser Messias, & Rey de todo o mundo. Pelo q̄ se o Baptista tinha dito delle, q̄ era o Cordeiro de Deos, & Messias esperado no mundo, entendessem que assim era, porque suas palavras erão verdadeirissimas, & seu testemunho infallivel, & que não cuidassem outra cousa, nem que o Baptista se mudaria desta

verdade,

verdade, para seguir outra opinião, & dizer o contrario do q̄  
 tinha dito, porq̄ elle não era mudavel como a canna, q̄ se mo- Ioan. I.  
 ve a húa, & outra parte. Nem podia ser canna aquelle, cuja al-  
 ma fortalecia a graça do Espirito Santo, para que nem gloria  
 humana o levantasse, nem adulação o movesse. Aquelle q̄ era  
 imagem do mesmo Christo, Paraninfo do Esposo, Homem  
 na especie, mas por graça Anjo, Apostolo do Padre Eterno,  
 Profeta antes de nascer, & nascido, silencio de todos os Profe-  
 tas; aquelle que foi Estrella da Alva, que sahio antes do Sol,  
 Monte altissimo que primeiro recebeu os rayos do Divino  
 Sol de Justiça, Pregoeiro do Reyno Celestial, Annunciador  
 da vida eterna, Testemunho da verdade, Lume da sabedoria,  
 Forma da innocencia, Espelho da humildade, Mestre da ab-  
 stinencia, Figura da penitencia, Generalissimo de todas as  
 Religiões, Rosa do deserto, Lirio da pureza, & Escola de vir-  
 tudes. Isto he o que os Judeos hião ver ao deserto, & não can-  
 na que se move com o vento, como elles por ventura imagi-  
 navaõ, que o haviaõ de mover com os intentos que levavaõ.

*Consideração segunda.*

**P** Ela canna se entende a inconstancia, & pouca firmeza da  
 vontade; porque ameaçando Deos por Ezequiel a El- Ezec.  
 Rey Faraõ, que o havia de castigar severamente, aponta lo- 29.  
 go a causa disso, dizendo que foi inconstante na fé que devia  
 guardar com o povo de Israel, o qual confiando em seu fa-  
 vor, & amparo, quando se quiz valer d'elle, achou-o bordaõ  
 de canna sem firmeza, sem segurança, sem fé, & sem palavra de  
 Rey, que por confederação de Reynos estava obrigado a  
 guardar: *Eo quòd fuisti baculus arundineus domui Israel.*  
 Por isso te hey de castigar, ( injusto Rey ) porque para a casa  
 de Israel foste bordaõ de canna, que quando se quiz encostar  
 em ti, & valer de teu favor, & amparo, não achou em que segu-  
 rar o braço, que buscava socorro teu, achouse com húa bordaõ  
 de

de canna, que nenhũa segurança tem, & menos firmeza. Também Salmanazar Rey dos Assyrios, mandou dizer a Ezequias Rey de Israel, que não tivesse pensamento de rebellar contra elle, confiado na amizade do Rey do Egypto, que era bordão de canna já quebrado, & quem a elle se arriasse, havia de cair, & ficar ferido das quebras da canna: *An speras in baculo arundineo, atque confracto?* Para que he por esperanças em hum bordão de canna, o qual quebrando não somente faz cair no chão, mas fere, & magoa a mão de quem a elle se encosta, que são dous males juntos, cairdes aonde esperaveis socorro, & além deste vos faltar, ficardes ferido, & afrontado. Assim succede a quem confia em cousas do mundo, que não somente faltão quando quereis pegar nellas, mas fazendovos cair, deixão-vos magoado com outras sem razões, & injustiças, que experimentais, novas injurias que vos fazem, novas perdas, & danos que vos dão. O dizer Job, que a serpente dorme: *In secreto calami*, no escondido da canna, se entende pelo demonio, que dorme quando está senhor da consciencia fraca, & inconstante, que se deixa soprar de torpes, & deshonestos pensamentos. Pela canna quer Caietano que se entenda o homem fingido, que tem apparencia de virtudes por fóra, sendo por dentro vazio della, & sem bondade algũa. No coração destes dorme o demonio: *In secreto calami*, porque estes que assim fingem verdura de boas plantas, por dentro tem vicios enormes, & incontinencia indomavel. Os peccadores reprovados são comparados às cannas, & assim se entendem aquellas palavras da Sabedoria, que os Justos resplandecerão, & como faiscas de fogo rutilante, andaraõ a hũa, & outra parte do cannaveal, julgando as nações do mundo: *Fulgebunt justi, & tanquam scintille in arundineto discurrent. Judicabunt nationes.* Porque os Justos, & Varões Apostolicos (como neste lugar interpreta Lyrano, & a Glossa) haõ de julgar no dia do Juizo aos peccadores; & as suas palavras, & sentenças que daraõ, seraõ faiscas, & rayos de fogo,

Job 40.

Sap. 3.



fogo, que abrazarão os peccadores, entendidos pelas cânas, que estão no cannaveal, aonde se acenderá o fogo da Divina Justiça. Pelas cannas se entendem os peccadores, como se vê naquellas palavras de Isaias: *Calamum quassatum non confringet*. Aonde se declarava a clemencia, & piedade do Salvador do mundo, quando a elle houvesse de vir, dizendo, que não teria condição para quebrar a canna, que já visse abalada, & quasi arrancada da terra, não teria condição para destruir, & castigar o peccador, que de algum modo visse já disposto para fazer penitencia, nem o poria em desesperação de perdão, (como S. Jeronymo declara estas palavras) mas que para com todos seria facil, & misericordioso, como o mostrou ser para com a Magdalena, quando sendo canna, que já se movia a fazer penitencia, lhe disse: *Remittuntur tibi peccata tua*. E quando disse à mulher adúltera, que ainda que era peccadora, a não queria condenar. Bem disse logo Isaias: *Calamum quassatum non confringet*. Bem se entendem pelas cânas os peccadores inconstantes naquellas palavras do Psalmista, quando pede a Deos que os castigue, chamandolhes serpentes, & feras, que andão entre as cannas: *Increpa feras arundinis*. Aonde a versão Caldaica tem: *Increpa exercitum peccatorum, sicut cannam*. Castigai Senhor, & reprehendei o exercito dos peccadores, que são como cannas cheyos de vã gloria, & vaidade do mundo, cannas que facilmente se movem a commetter vicios, & abominações; a estes dai castigos, & quebrantai-os, & pois são feras nos costumes: *Reges eos in virga ferrea, & tanquam vas figuli confringes eos*. Mas se a canna diz inconstancia, & fraquesa, porque razão em algũas partes da divina Escrittura se fala em canna de ouro? No Apocalypse se diz, que andava hum Anjo fazendo certas medidas com hũa canna de ouro. Como se compadece canna que diz fraquesa, com ouro que diz firmesa? Sim, diz Santo Augustinho, que por essa canna de ouro se entende o bom Christão, canna em a fragilidade humana, de que he composto,

Isai. 42.

Hieron.

Luc. 7.

Psal. 67.

Chald.

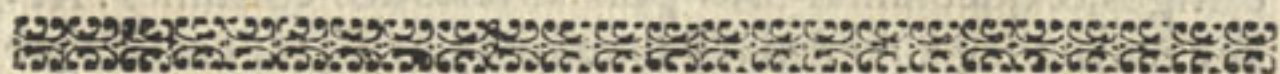
Psal. 2.

Apoc. 2.

August.

posto, mas canna de ouro em a firmeza da Fé que tem, & nas virtudes de que se veste, & adorna; porque o Christão em vasos de terra, & lodo encobre preciosísimos thesouros. Assim o diz o mesmo Santo, que a Igreja Catholica he de ouro, porque a sua Fé, & as suas virtudes resplandecem como ouro: *Ecclesia aurea est, quia fides ejus velut aurum splendet.* Tudo Deos quer que seja ouro na sua Igreja, como no Templo de Salamão tudo era ouro, o Altar de ouro, os castiças de ouro, os Calices, & mais vasos de ouro, porque não quer que diante d'elle appareça cousa que não seja pura como o ouro; & esta pureza se manifesta na Fé, na caridade, & limpeza da alma, no resplendor de virtudes, & no exemplo de vida. De ouro quer que sejam os Sacerdotes, que andão à vista do Senhor, & são ministros de seus Sacramentos, de ouro os Religiófos, que estão dedicados a seu serviço; & em fim de ouro haõ de ser todos os que estão dentro da Igreja Catholica, os quaes ainda que sejam cannas na fragilidade humana, quando tiverem firme Fé acompanhada de boas obras, ficaraõ sendo canas de ouro, na conformidade que o mesmo Deos quer que sejamos: *In arundine aurea homines Ecclesiae, ostendit fragili quidem carne, sed aurea fide fundati*, diz o grande Augustinho. Na canna de ouro se entendem os Fieis Christãos, que constando de fragilidade humana, & humilde natureza, com tudo a sua Fé não he fraca, & inconstante, senão firme, pura, & permanente, he Fé de ouro puríssimo.

August.



Aboboreira.

Esperanças vãs.

*Consideração primeira.*

**D**As flores fica dito em seu lugar, que significão Esperanças, as quaes quando se fundaõ bem, na amendoeira o mostraõ, mas quando são vãs, & sem fundamento, na

Aboboreira.

Aboboreira se representaõ melhor; da qual diz Plinio, que na grandesa das folhas, & fruttos excede a todas as outras plântas; & com tudo effes fruttos por dentro são vãos, & de muy pouca substancia, o seu alimento leve, as suas folhas de pouca dura; muito promette, muito representa, & tudo he fingido, & vaõ: pelo que querem alguns Authores, que a Aboboreira seja symbolo de Esperanças vãs. O que muito melhor se collige do que Santo Augustinho diz acerca desta planta, a qual ( he elle de opiniaõ ) que fosse a que fez fresca, & agradavel sombra ao Profeta Jonas, quando estava à vista da Cidade de Ninive, esperando que se sovertesse: porque aonde na profecia de Jonas està escrito, que hũa hera lhe fez laçada sobre a cabeça, tem outra versãõ, que foi Aboboreira, & aonde nós lemos: *Paravit Deus hederam*, trasladaõ os Settenta: *Cucurbitam*. E Santo Augustinho he de parecer, que não foi hera a que fez sombra a Jonas, mas Aboboreira, a qual se levantou, & cresceu depressa sobre o lugar aonde Jonas estava, servindolhe de impedir que o Sol o não tratasse mal. Com o que se dava Jonas por contentissimo, & muito consolado: *Letatus est Jonas letitiã magna*. Mas quando sua alegria se acompanhava de mayores esperanças, que poderia gozar daquella frescura o tempo que alli estivesse, de repente se lhe seccou, & murchiou a Aboboreira, deixando o sem sombra, posto à calma, & ardor do Sol; ficaraõ suas esperanças vãs, & enganofas.

Quer o mesmo Santo que esta Aboboreira fosse figura das esperanças, & promessas do Testamento Velho, ao qual S. Paulo chama: *Umbra futurorum*. A Ley Velha era hũa sóbra do que havia de ser. Pois a esta sombra da Ley estava o povo Judaico figurado em Jonas, contente, & alegre: *Unusquisque sub ficu sua*. Quando veyo o bichinho da manhã, Christo Jesu, o qual de si diz: *Ego autem vermis sum*, & tocando em o pé desta Aboboreira, a seccou com sua divina virtude, ficando aquella Ley sem vigor, & sem substancia, &

Plinius.

August.

Jonas 4.  
August.

Jonas 4.

August.

Hebr. 10

3. Reg. 4.

Psal. 21.

o povo que nella tinha suas esperanças, sem sombra, posto à calma, offerecido a chamma, & fogos de continuas tribulações. Pede entã este povo como Jonas a morte, & de todo lhe não vem, porque devagar o quer Deos castigar, q̄ he terribel genero de castigo dilatar os tormentos aos culpados. A estes de veras foi a sua Ley Velha ( como diz Santo Augustinho ) Aboboreira de esperanças vãs, a qual Christo com sua divina bocca, & palavras de vida eterna tocou, para não reverdecer mais, & perder o valor que tinha.

*Consideração segunda.*

**D**Eve-se considerar, que esta planta para crescer sóbe pelas arvores, que lhe ficaõ visinhas, arrima-se ao q̄ diante acha, & se acerta de cair isso, de que ella depende, hũa, & outra cousa vem ao chaõ, & tudo fica por terra. Não ha na vida cousa tão segura, & firme, de q̄ o homem possa confiar, que não esteja sujeita a lhe faltar quando menos cuida; não se podem assegurar nossas esperanças em cousas transitorias. Só Deos tẽ este louvor, porque nunca falta, se nõs lhe não quizermos faltar, nunca deixa frustradas esperanças que nelle se ponhaõ.

*August.* Assim diz Santo Augustinho delicadamente: *Nemo te amittit, nisi qui te dimittit.* Mente Senhor quem diz que vòs lhe faltais, porq̄ nunca faltais, senãõ a quem primeiro vos falta; nunca deixais, senãõ a quẽ vos deixa. Bẽ se arrimava S. Paulo à

*Rom. 8.* arvore segura, quando dizia: *Quis nos separabit à charitate Christi?* Bem sei a quem me cheguei, & aonde puz minhas esperanças, porque estou preso, & unido com hum Senhor q̄ nunca me pôde faltar; & porque eu !me! não aparto, elle se não aparta, & eu não me posso apartar, nem apartarei nunca, porque estou bem preso, & sei o que interesse de tão boa prisaõ. Anna mulher de Tobias, bem imaginava de seu marido, que não empregara bem suas esperanças, pois

*Tob. 2.* Deos lhe respondia com adversidades: *Manifestè vana facta est spes tua.* Dizia ella: agora se vè manifestamente, que

que sahio vã a vossa esperança, final he que a não empregastes bem. Mas falava como quem temia pouco a Deos, & tinha delle menos conhecimento, falava como mulher imprudente, & muito ignorante, porque esperanças postas em Deos nunca ficão frustradas, nem pôdem ser vãs. O mesmo lhe dizião os amigos: *Ubi est spes tua*, aonde està a vossa esperança, que tanto confiaveis no Senhor do Ceo, que em lugar de premio vos dà castigos. Tambem estes falavão como ignorantes, que alcançavão pouco da clemencia, & misericordia de Deos, porque o santo velho Tobias tinha bem fundadas suas esperanças, & assim não lhe podia Deos faltar com misericordias suas. Os mundanos são os que fundão mal as suas, & por isso diz David, que o coração delles he vão: *Cor eorum vanum est*. O coração dos mundanos he vão, & de coração vão procedem cuidados vãos, & esperanças vãs, das quaes nunca alcanção desejados effeitos, & quando vão para lançar mão delles, achão se frustrados; & de qualquer destes se pôde dizer o que Oseas diz em figura da mulher adúltera: *Seque- tur amatores suos, & non apprehendet illos*. A alma q̄ faz adulterio a Deos, pondo seus desejos, & esperanças nos gostos da vida que lhe agrada, irá apoz esses gostos, apoz esses contentamentos que ama, & não os alcançará, porque quando lançar mão delles, para os ter seguros, não os achará, nem terá nelles o que esperava; ver-se-ha frustrada em suas esperanças, como se virão aquelles, que por ditos de falsos profetas, estando cattivos em Babylonia, esperavão liberdade, passado certo tempo que elles limitavão a seu cattiveiro; & quando se achãrão enganados em suas esperanças, disserão: *Transiit mensis, finita est aestas, & nos salvati non sumus*. Basta que passou o Verão, passou o Estio, passou hum anno, & outro anno, & nós cattivos como dantes, sem chegar dia de nossa liberdade; mas que muito, pois confiamos em palavras de homens, & nelles fundamos nossas esperanças, que por isso são vãs, porque se põem nelles; não são assim as que se põem em Deos,

porque ellas são seguras, & não podem faltar. Assim diz Da-

*Psal. 21.* dres, & Patriarcas antigos, que esperavaõ em Deos: *In te*

*speraverunt patres nostri, in te speraverunt, & non sunt*

*confusi.* Nem elles ficavão confusos, nem suas esperanças

*Psal. 24.* perdidas, porque as sabião pôr em Deos, & não em os ho-

mens. Já se as esperanças são firmes, & permanentes, não dei-

xão de alcançar fins desejados: *Qui sustinent te, non confun-*

*dentur*, diz o Psalmista. Os que esperão em Deos, & por

*Mat. 15.* mais que esperão, não canção de esperar, & perseverão nisso,

não ficarão confusos, como não ficou aquella mulher Cana-

nea, que tirando suas esperanças do mundo, & pondo-as no

Senhor, esperou d'elle remedio para sua filha, & por mais q̄

*Psal. 33.* lhe impedião o falar, & representar sua angustia a Christo, não

deixou de ir apoz elle, & esperar d'elle o que buscava. E quan-

do parecia q̄ o mesmo Senhor a não ouvia, & que dissimulava

com a resposta, então mereceo ser despachada, & louvada por

bocca do mesmo Salvador. Soube chegar-se a elle, & esperar

nelle, soube perseverar nas esperanças, & não lhe sabião frus-

tradas: *Accedite ad eum, & illuminamini, & facies vestrae*

*non confundentur*, diz David: chegaivos a Deos com dese-

jos da alma, & esperanças firmes, que eu vos asseguro que não

fiqueis corridos, & envergonhados, como ficão os q̄ se achão

enganados de outrem, ou os que não alcançãõ o que hião pe-

dir a outrem, que pedindo, & não alcançando o que pedem,

ficão corridos, & envergonhados. Assim o ficou a mãy dos fi-

lhos do Zebedeo, & os mesmos filhos, quando pedirão a Chris-

to a mão direita, & esquerda no seu Reyno, & não alcançãõ

o que esperavão, antes ouvirão resposta esquiva, & severa:

*Nescitis quid petatis*; ficando confusos, & envergonha-

dos, porque se chegarão a Christo com pés corporaes, & não

com affectos da alma. Não puserão nelle esperanças sobre-

naturaes de premio soberano, mas esperanças humanas de

Reyno temporal: *Nihil spirituale petebant*, diz Chrysof-

tomo.

*Chrys.*

*suprog*

*ii dñ*

tomo.

tomo. Não pedião cousa espiritual, erão suas esperanças vãs, por isso ficarão frustradas, elles confusos, & a mãy não menos envergonhada. Quem não quizer que suas esperanças se-  
 jão vãs, ponha-as em Deos, & não nos homês, nem em cousa da vida, & não lhe ficarão perdidas, nem elles com as faces vermelhas, como o experimentava o Profeta Rey, que não sabendo esperar mais que em Deos, tinha confiança de nunca se achar confuso, nem frustrado de suas esperanças, quando dizia: *In te Domine speravi, non confundar in eternũ.* Porque eu Senhor esperei em vòs, nunca me confundirei, ne acharei enganado de pôr minhas esperanças em vòs, que remediais, & salvais a quem espera em vòs. *Psal. 30.*

Hervas.

Brevidade.

*Consideração primeira.*

**A**ssim como as flores em gèral significão esperanças, as Hervas dizem Brevidade da vida; & este significado consta da divina Escrittura; pelo que tratãdo o Profeta Rey da limitada vida do homem, diz: *Mane sicut herba transeat: mane floreat, & transeat; vespere decidat, induret, & arefcat;* como se dissera. Por determinação do Eterno, & Poderoso Deos he o homem semelhante à herva, que se na sua primeira idade florece, depressa se murcha: porque assim como pela manhã quando o Sol nasce, a herva parece que toma novo ser, & vigor, cresce, alenta-se, & por augmentos se veste de mais perfeita verdura; mas depois vindo o ardor do mesmo Sol, a queima, & despoja de sua belleza, até que desfamparada do radical humor, vem a seccar. Assim o homem no principio de sua vida, & manhã de sua mocidade, saindo como das trevas da noite, florece, cresce, & augmenta se nas forças, valor, & vigor da idade; mas à tarde, que os annos

August.

Psal. 36.

creſcem, a velhice ſe chega, & o tempo o deſengana, como de repente ſe vê privado de ſua verdura, & flor da idade, faltando-lhe o natural humor, & finalmente ſeccando com ſe lhe acabar a vida. Acerca diſto diz o grande Auguſtinho, que o homem floresce pela manhã como herua, & à tarde cahe quando ſe vê nas mãos da morte; apoz iſſo endurece no cadaver, & na ſepultura ſecca, & murcha: *Decidit in morte, dureſcit in cadavere, areſcit in pulvere.* O que tudo lhe naſceo do peccado; daqui procede ſua pena, & o breve limite da vida que tem. Melhor ſe declara eſta figura no Pſalmo trinta & ſeis, aonde (porque quando alguns vem florescer aos peccadores, ſe admirão de Deos lhes dar tantos bens, & prosperidades) David os exhorta, que ſe não maravilhem diſſo; porque riqueſas, & felicidades dos peccadores aſſim acabão, & deixão de ſer, como hervas, que ſe florescem por breve tempo, depreſſa perdem a verdura com a quentura do Sol: *Quæ admodum olera herbarum citò decident.* Não ſão permanentes as prosperidades dos homens, mas enganofas, de pouca dura, & de nenhũa firmeza; & elles quando parece que florescem na vida, depreſſa ſão privados de ſuas bonanças, & variedades; tem a firmeza que as hervas tem, as meſmas mudanças, & variedades: *Vidi impium ſuper exaltatum, & elevatum ſicut cedros Libani, & tranſivi, & ecce non erat.* Diz o meſmo David, vião peccador exalçado, & levantado, como os cedros do monte Libano: tornei a paſſar, & já o não vi, porque já não havia roſto, nem memoria delle; depreſſa ſe lhe paſſou ſua gloria, ſeus deleites, & ſuas felicidades.

*Conſideração ſegunda.*

**A** Vida por comprida que ſeja, he breviſſima a reſpeito da eterna que eſperamos alcançar. A brevidade da preſente he grande miſericordia de Deos, pois em tanta brevidade ſe nos dá occaſião de adquirir tão grande bem, como

he



he gloria que não tem fim. E se esta se não adquire sem trabalho, he Deos tão misericordioso, que com a brevidade dà vida nos diminue este trabalho, & não quer que os Justos por largos annos padeção miserias, & tribulações. Fez Deos esta vida breve, porque a não amassemos, como se fora permanente, & para que só tivessemos desejo da que sempre ha de durar. Mas para que he vida comprida, a que he hum vivo tormento, hũa pena prolixa, hũa peregrinação molesta, hum desterro miseravel, sombra da morte, aposento de tribulações, deserto em que nos perdemos, estrada chea de ladrões, doença incuravel, penitencia rigorosa, guerra que sempre afflige, & tentação que de continuo cança, & inquieta: *Vita Job 9. mea levior cursore*, diz Job, considerando a brevidade da vida. A minha vida he mais ligeira que hum homem q̄ corre por posta, porque este por muito que corra, & apressado que vâ, de algum modo para, & por pouco que seja, alguma vez descança; mas a vida do homem he hum caminhante que já mais para, hum correyo de posta que em nenhũa parte descança. Tudo o que nella se vive, se tira do espaço della, sendo cada dia menos o que lhe resta por andar; he estrada em que se não permite ir devagar, mas correm todos por ella em igual momento, & chegão a hum fim por atalhos differêtes. He a vida na sua brevidade comparada a hum rio, que com as enchentes do inverno corre com ligeireza para o mar, tornando desse mar a sair outros rios. Os homens, diz Santo Augustinho: *Nascuntur, vivunt, moriuntur, & aliis morientibus, alii nascuntur: rursusque aliis nascentibus, alii moriuntur*. Nascem os homens, vivem, & morrem: morrendo huns, nascem outros; nascendo outros, morrem outros; assim vão succedendo huns aos outros; & todos por fim entraõ no mar da morte, & não permanecem, porque saõ como hervas, que se pela manhã florecem, à tarde seccaõ. Tem os homens duas vidas, hũa a que de presente passaõ, outra a que esperaõ possuir; esta transitoria, a outra sem fim. Quem quizer possuir

August.

Eccl. I.

sua eterna, sofra a que hoje tem transitoria: *Tolera in qua es, & habebis quam non dum habes.* Sofrei esta em que estais, & alcançareis a que esperais, & para terdes lembrança da celestial, esqueceivos desta mortal, porque nossa verdadeira vida não está neste mundo, aonde quanto debaixo do Sol está, he fugeito a vaidade, & mais vaõ que tudo o homem, que faz caso de vida tão breve, incerta, & variavel.

Feno.

Gloria do mundo.

Consideração primeira.

1. Pet. I.

**O**Feno significa gloria do mundo, como claramente se collige da divina Escriitura, que em diversas partes faz comparação das cousas do mundo ao Feno. O Apostolo S. Pedro diz: *Omnis gloria ejus tanquam flos feni: exaruit fenu, & flos ejus decidit.* A gloria tēporal he como a flor do feno, que em se elle seccando, cahe ella. O mesmo quasi diz o Apostolo Santiago na sua Canonica Epistola: *Quoniam sicut flos feni transibit: Exortus est enim Sol cum ardore, & arefecit fenum, & flos ejus decidit, & decor ejus deperit.* Glorie-se o humilde, porque ha de ser levantado, & o rico veja seu abatimento; porque assim ha de passar, & deixar de ser o que he, como passa, & deixa de ser a flor do feno. Hum dia que o Sol saya com ardor, basta para o seccar, cahe a flor, & fenece a sua graça. Assim succede ao rico em seus caminhos, & intentos. Cuida que tem ainda jornada comprida que andar até a morte, mas hum dia que lhe dà hũa febre apressada: *Arefecit fenum, & flos ejus decidit.* Secca-se o feno, & cahe a sua flor. Como succedeo àquelle rico Avarento, que estando hum dia à noite fazendo largas contas das obras que havia de fazer, & da boa vida que havia de levar ao diante, ouviu hũa voz que lhe disse: *Sulte, hac nocte animam tuam reptunt*

Luc. 12.

tunt à te. Homê tonto, q̄ pensamêtos, & traças saõ as tuas, q̄ esta noite has de morrer, & baixar aos infernos: *Noli emulari in malignantibus*, diz David. Quando virdes que os malignos florecem nesta vida em prosperidades, & gloria do mundo, naõ cuideis que Deos se descuida dos bons, que padecem miserias, & se lembra dos malignos, que tem todos os bens da vida, porque a verdade he, que Deos se lembra de vòs, & delles se descuida: *Quoniam tanquam fenum velociter arescent*, porque elles como feno muy depressa murcharaõ, & deixaraõ de ser. Tudo se lhes ha de passar a correr, porque tudo o que tem, & possuem, he comparado ao feno.

*Psal. 36.*

*Consideração segunda.*

**E**sta gloria temporal, & estes bens do mundo que saõ feno, inveja o demonio quando vê, que alguns com elles fazem bem a outros; como os invejou a Job, que lhos tirou em hum momento, & entaõ se entendem pelo demonio aquellas palavras: *Fenum quasi bos comedet*. O demonio comerà feno, como se fosse boy. Porque o demonio tem isto, que a alguns offerece este feno de bens, riquezas, & gloria do mundo, & a outros o tira. Offerece-o a quem entende que póde levar aos infernos, com lhe grangear prosperidades, & bens do mundo; & tira este feno a quem vê, que com os bês da terra sabe fazer thesouro para o Ceo, dando esmolas, & fazendo bem com elles. Offereceo-o a Christo nosso bẽ, quando lhe mostrou de hum alto monte todos os Reynos do mundo, & a gloria delles: *Ostendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum*. E com esta tentação acomete a muitos q̄ quer levar por avaresa, & ambição. A outros tira o que tem por divina permissaõ, a fim de lhes fazer perder a paciencia, & entaõ se diz delle: *Fenum quasi bos comedet*. E assim he de advertir, que o demonio busca todos os meynos possiveis para enganar, & levar almas ao inferno; porque se o homem he feno,

*Iob 40.*

*Matt. 4.*

*Iob 40.*

no,

- no, elle se faz boy para comer esse feno: *Fænū quasi bos comedet*. Se o homem he terra, elle se faz fapo, q̄ coma essa terra: *Terram comedes*. Se o homem he carne, & fangue, elle he corvo que se ceva nella. Se o homem he caminhante q̄ passa seu caminho, elle he leaõ que lhe sahe ao encontro para o despedaçar. E se o homem para lhe fugir se põem a cavallo, elle he *Cerastes in semita mordens unguam equi, ut cadat ascensor ejus*. He hũa serpente, que pondo-se no caminho, & cobrindo o corpo de terra, para que o não vejaõ, passando o cavalleiro, morde a unha do cavallo, & tem sua peçonha tal força, que faz cair delle abaixo a quem vai em cima delle. E se o homem se faz lavrador para se mear na terra de seu coração bons pensamentos, & propósitos, elle entãõ se faz ave do Ceo, que come os grãos lançados nessa terra. Se andamos no mar desta vida como peixes, ahi he balea que nos traga. E se o homem he Estrella, elle se faz dragaõ do Apocalypse para dar com elle em terra. Se somos casa, & edificio, elle se faz vento furioso para o derribar, & pôr por terra. Se somos somente do pay de familias, elle he o inimigo do homem, que por cima lança sizania. Em fim elle se converte em todas as figuras, com as quaes nos possa destruir, & enganar. E quanto mais perfeito o homem he, procura ter melhor bocado nelle, como diz Abacuc: *Cibus ejus electus*. Sempre o demõnio anda ao melhor bocado; o mais perfeito pretende que seja seu manjar.

De tudo se conclue, que o feno significa gloria mundana, dizendo Santo Ambrosio: *Hujusmodi est gloria hominis sicut flos fæni*. Da mesma maneira he a gloria do homem, como a flor do feno. Ao Profeta Isaias disse Deos, que clamasse, & levantasse a voz, & elle respondeo: *Quid clamabo? Senhor, que hey de dizer? Que hey de clamar? Omnis caro fenum*, (diz Deos) *& omnis gloria hominis ut flos fæni. Aruit fenum, & flos decidit*. Clama em voz alta, que toda a carne he feno, & toda a gloria do homem he como a flor do feno; sec-

seccou o feno, & eis a sua flor cahida no chaõ. Vereis hoje a hum homem bem disposto, & bem proporcionado, deulhe hũa doença, já o não conheceis de desfigurado: *Aruiit fennum*. Vereis a outro rico, & estimado, teve hum triste successo, cahio em pobreza, já niuguem o vê. Que foi isto? *Omnia gloria hominis sicut flos feni*. Foi a sua gloria como a flor do feno, que depressa passou. Não pretendamos gloria, que se compára ao feno, mas aquella que com nenhũa cousa da vida tem comparação, a qual alcançaõ aquelles que plantados em a casa do Senhor, sempre florecem, & daõ fructos de graça. *Psal. 91.*

Arruda.

Castidade.

*Consideração primeira.*

**Q**Uatro hervas nomeou por sua propria bocca Christo Senhor Nosso, como he a Arruda, a Ortelã, o Endro, & os Cominhos, quando hũa vez reprehendendo aos Fariseos de muitos vicios, & maldades que tinham, entre outras cousas lhes disse: Coitados de vós Fariseos, que fazeis muito caso de desimar a Arruda, a Ortelã, o Endro, & os Cominhos, sendo cousas minimas, & de pouca substancia, & das grandes nenhum eserupulo fazeis, pervertendo a justiça, & a caridade de Deos; sendo assim que vos importava muito fazer isto bê, & com tudo não passardes por aquillo, ainda que seja de pouco valor: *Vae vobis scribe, qui decimatis mentam, & anethum, & cymium*. Esta excellencia tem estas hervas de as nomear o Author das cousas por sua propria bocca. As significações dellas não são tão manifestas, porque não houve Authores que se cançassem em as descobrir: com tudo da Arruda diz Pierio, que significa castidade, & foi geroglyfico della de tempo antigo; porque he esta herba quente, & secca em

*Mat. 23.  
Luc. 11.**Pieriusi*

terceiro

*Plinius.*

terceiro grao, & consta de partes subtilissimas; & assim tomada no comer, ou beber, secca, & queima toda a potencia de gézar, endurecendo-a pela seccura, & queimando-a pelo calor que tem. E porque todas as serpentes, & bichos peçonhentos fogem da visinhança da Arruda, assim do coração do casto fogem as torpezas, & malignos pensamentos. He esta herua grande remedio contra a peçonha, posto que alguns animaes antes de pelejarem com outros, que são venenosos, primeiro comem folhas de Arruda, para lhes não empeceré as mordeduras dos bichos peçonhentos. De Mithridates Rey do Ponto se conta, que receando-se muito de lhe darem peçonha, costumava todos os dias comer em jejum vinte folhas de Arruda metidas dentro em hum figo, com duas nozes, & sua pedra de sal, por ser unico preservativo contra a peçonha, & contra a peste.

*Consideração segunda.*

*August.**Chryf.*

**A** Castidade he virtude Angelica, que faz os homens semelhantes aos Anjos, sendo a dos homens mais louvada, que a dos Anjos, porque estes a tem naturalmente, & a conservaõ sem guerra, ou contradicção algũa, & os homens a guardão entre continuos combates dos inimigos, estando sempre o appetite em armas, as payxões em desafio, o demonio em campo, & todo o mundo contra ella. Assim diz S. Jeronymo, que os demais vicios são menos poderólos, porque tem as armas com que nos offendem, fóra de nós outros, mas a carne he inimigo caseiro, & viver em carne sem carne he cousa rara. Santo Augustinho diz, que a peleja da castidade he de cada dia, & que entre as guerras do Christão são mais duras as que a castidade padece, porque o combate he continuo, & a vittoria rara. S. Chrystomo diz, que Deos he amador da castidade, & Author della. Pelas castissimas entranhas da Virgem veyo Deos ao mundo, para mostrar que he Deos Author

Author da Castidade. O Evangelista S. João diz, que vio a Christo cingido pelos peitos de hum cinto de ouro purissimo, que denota sua purissima limpeza ( porque entre os peitos fica o coração) sinalando o ouro a pureza que nelle havia. Como este Senhor seja amador da pureza, não quer companhia senão de castos, & virgens. Estes o seguem para onde quer que vai. Assim diz o mesmo Evangelista, que vio ao Cordeiro em cima do monte de Sion, acompanhado de cento quarenta & quatro mil Virgens. E S. Gregorio diz, que com rafaõ forão vistos os Virgens em lugar alto, porq̃ aquelles que excedem as forças da natureza, em altissimo cume das virtudes devem estar collocados. S. Jeronymo diz, que entre todas as virtudes tem a castidade o mais eminente lugar, & entre os homens os que se sinalãraõ por melhores forão Virgens. Em os limites da natureza, sem comparação algũa, o melhor homem foi Christo Senhor nosso, & este Virgem, entre as mulheres a melhor foi a Virgem Senhora nossa, & esta foi Virgem: entre todos os Apostolos, o que por excellencia teve nome de Apostolo, foi S. Paulo, & este Virgem: entre os Evangelistas o que mais se levantou com o voo de Aguia, foi S. Joaõ, & tambem Virgem. Entre os Martyres Sãto Estevão, que foi Virgem: entre os Confessores S. Bento, S. Domingos, & S. Bernardo, que forão Virgens: de sorte q̃ o escolhido, & melhor da humana natureza, o mais sublime, & excellente he o estado dos Virgens. E tudo o mais lhe fica distante a perder de vista: *Sicut se habent hæc metalla, fer- rum, argentum, & aurum, ita se habent conjugium, viduitas, & virginitas.* Diz S. Jeronymo, a differença que vai do ferro à prata, & da prata ao ouro, essa ha entre o estado dos casados ao das viugas, & do estado das viugas aos que são virgens: porque a virgindade he ouro purissimo, & os mais estados huns são de ferro, outros de estanho, outros de terra. Agora vede a ventagem que o ouro leva à prata, ao ferro, & ao estanho, & vereis a que esta virtude leva às outras: *Sicut se habent*

Apoc. 1.

Apoc. 14

Gregor.

Hieron.

Hieron.

- August.* *habent Stella, Luna, & Sol, (diz Santo Augustinho) ita tres illi status, virginitas autem Solest.* A virgindade a respeito dos outros estados he hum Sol resplandecente, & claro. Os outros serão Estrellas, serão como a Lua, mas a virgindade Sol, que sem comparação vence os demais Astros em resplandor, & claridade. Daqui veyó dizer Eusebio do Emperador Constantino, que tinha tão grande respeito às Virgens consagradas a Deos, que não lhe faltava mais que adorallas: *Virginum chorum tantum non adorabat.* Toda a mais reverencia lhe fazia, & fóra de as venerar como a Deos, davalhes toda a honra que se póde dar a quem vive sobre a terra. Respeitaria por ventura, que a alma he hũa pessoa casta, & pura, he templo aonde Deos mora, & aonde o Espirito Santo faz sua habitação: *Qui castum habet cor, ibi discumbit Christus.*
- Chrysof.* Diz Chrysofotomo, aquelle que tem coração casto, tem mesa posta aonde se assenta Christo a comer saborólos manjares. Quem pois quizer dar convite a Christo, seja casto, & tenha pureza, porque quem assim a não tiver, não póde possuir a Christo, nem trazer a Christo no seu coração, porque este Senhor só habita em corações castos. A castidade purifica o entendimento, & dispõem para receber os rayos da divina luz. A castidade não se ajunta com a malicia, nem com a inveja, nem com a cobiça, nem com a avareza, nem com outro meyo algum, mas acompanha-se de cautela, & prudencia, de caridade, & misericordia, de temor de Deos, & de fortaleza.
- Gen. 21.* Por isso lancemse fóra de casa, que he o aposento da alma, os filhos da escrava, que são os vicios, fiquem os filhos da mulher livre, que são os castos, & santos pensamentos; fiquem as virtudes, que são os lirios aonde o Esposo Celestial se apascēta; fiquem as virtudes, que todas são Angelicas, & principalmente a Castidade, que he Angelica, pela qual os homens singularmente se fazem semelhantes aos Anjos, & a natureza humana se fortalece de soberanas graças, por onde disse Christo dos castos: *Neque nubent, neque nubentur: sed erunt sicut Angeli*



*Angeli Dei in Celo.* Os castos permanecem na castidade, não casão, nem admittem casamento, mas são como Anjos de Deos em o Ceo: *O castitas Deo chara!* diz Chrystomo. *Chryf.* O castidade agradavel a Deos, amada de Christo, morada do Espirito Santo, semelhança do Reyno dos Ceos, quem te tivera, quem te possuira, para que coutigo possuira a Deos, & só tivera a Deos em seu coração, como o tiverão os castos, q̄ vivendo santamente na terra, forão nella o que são Anjos de Deos em o Ceo!

Ortelá.

Cruesa.

*Consideração primeira.*

**A** Ortelá he herva, que como acima fica dito, Christo *Mat. 23.* nosso bem a nomeou por sua bocca: tem ella tantas vir- *Luc. 11,* tudes, & he tão proveitosa para muitas enfermidades, que alcançou entre os Hespanhoes nome de yerva buena, & com fer boa, querem que signifique cruesa, sendo grande darselhe tão cruel significado. Fundamento dello não ha descobrirse, senão for pela virtude que esta herva tem estitica, calida, & desseccativa, qualidades proprias de pessoas crueis, q̄ se pelo contrário tivessem qualidades frias, seriaõ fleumaticos, & brandos, não colericos, & agastados, como são muitos.

*Consideração segunda.*

**A** Crueldade he vicio enorme, porque he inimigo da mayor virtude, que he a misericordia. Procede da muita colera, & assim lhe chama Seneca filha da ira, quando aconselha a hum seu amigo, que não seja cruel, & que deixe a crueldade, & a mãy da crueldade, que he a ira: *Seneca.*  
*Respue crudelitatem, & matrem crudelitatis, iram.*

- Este vicio nunca se achou senão em gente malissima, & o Espírito Santo diz nos Proverbios, que as entranhas dos maos são crueis: *Viscera impiorum crudelia*, porque ainda que estes sendo maos, não fação mal a ninguem, baste que fação mal a suas consciencias, para terem nomes de crueis. Cruel he para comfigo ( diz Santo Augustinho ) o que corrompendo-se com péssimos costumes, destroe em si mesmo o templo de Deos, aonde elle devia fazer sua habitação; cruel para comfigo o que ama a maldade, porque Christo diz, que quem ama a maldade, aborrece a sua alma. Cruel he para comfigo aquelle que para com o proximo não sabe ser misericordioso; porque primeiro faz mal a si o que aos outros não quizer fazer bem, & em lugar de lhes fazer bem lhes faz mal: *Qui autem crudelis est, etiam propinquos abjicit*, diz Salamaõ, ou como tem outra versão: *Qui turbat proximum suum, crudelis est*. Quem perturba ao seu proximo, quem o inquieta, quem lhe faz mal, he cruel, porque antes de o inquietar se inquieta a si, antes de lhe fazer mal, faz mal a si: *Crudelis est*. É a quem he cruel está promettida morte cruel. Porque se o Christão tem nome de cruel, porque se não compadece do pobre, & cerra as orelhas ao clamor do afflicto, também Deos se não compadecerá d'elle na morte, & terá para com elle cerradas suas orelhas: *Clamabit, & non audiet*. Clamará, & não será ouvido. Se o homem tem duro coração para nunca se emendar, nem arrepender: *Cor durum male habebit in novissimo*. Diz o Espírito Santo. O coração duro passará mal em a hora novissima, alli lhe faltará a piedade de Deos, de que seu obstinado coração se não quiz aproveitar na vida. Para estes crueis, & outros semelhantes ha de ser cruel o dia do Juizo, como diz Isaias: *Dies Domini crudelis, & indignationis plenus*. Virá o cruel dia do Senhor, cheyo de indignação, ira, & furor; dia que particularmente será cruel para os que vivem em fartura, & abundancia de riquezas, como diz Oseas:

*Vae qui opulenti estis in Sion.* Ay de vòs, os que sois ricos, & fartos, & não tendes mais certo indício de serdes reprovados, que o fastio que tendes do pobre, & passardes por elle, sem delle fazerdes caso. Ay de vòs: *Quia servati estis in diem malum*; porque estais guardados para hum dia maligno, dia cruel para quem foi cruel, & para hum fim da vida, que Deos dà cruel a quem o foi para com os proximos. Como Nabal o teve, acabando mal, & repentinamente, porque mostrou entranhas de crueldade ao pobre David, que morria de fome: *Percussit eum Dominus, & mortuus est.* 2. Reg. Como a cruel que era, Deos foi o que o ferio, & matou, 15. porque aborrece tanto gente sem piedade, & misericordia, que quando quer que morrão, elle he o que com suas mãos os fere: *Percussit eum Dominus.*

*Consideração terceira.*

**T** Ambem ha outro genero de crueldade, que S. Bernardo aponta, dizendo, que são crueis na Igreja de Deos todos os Ecclesiasticos, & Religiosos, que retem consigo mais do que haõ mister para o sustento, & vestido. Não quer Deos que a sua gente escólhida para o ministerio santo, possua mais do que ha mister, para remedio da vida; por isso mandava que o Tribu Sacerdotal de Levi não possuísse terra algũa, nem tivesse quinhaõ entre os mais Tribus; porque o mesmo Deos tomava à sua conta sustentallos, elle quiz ser sua possessão. Nunca Abrahaõ quiz possuir terra em quanto viveo, mais que hũa lapa que comprou para sepultura sua, & de seus descendentes. Que só para enterros quiz ter propria terra. E hoje todos a procuraõ ter para regalos, & contentamentos seus. Pois vejaõ os Ministros da Igreja não fiquem com o nome de crueis, que S. Bernardo lhes dà, retendo em si coufas que pòdem escusar: vejaõ que haõ de ser esmoleres com os pobres das rendas que Deos manda depositar em suas